

Leonardo Boff
Saber Cuidar
Ética do humano - compaixão pela terra

EDITORA VOZES

Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999. Pág. 199.

Internet: <http://www.vozes.com.br>

Brasil

O tamagochi e o cuidado

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém. Pode-se comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida, assistir a um filme sem falar com ninguém. Para viajar, conhecer países, visitar pinacotecas, não precisamos sair de casa. Tudo vem à nossa casa via *on line*.

A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. O pé sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano.

Essa anti-realidade afeta a vida humana naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a com-paixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir.

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana. Porventura, não descartou as pessoas concretas com as feições de seus rostos, com o desenho de suas mãos, com irradiação de

sua presença, com suas biografias marcadas por buscas, lutas, perplexidades, fracassos e conquistas? Não colocou sob suspeita e até difamou como obstáculo ao conhecimento objetivo, o cuidado, a sensibilidade e o enternecimento, realidades tão necessárias sem que avança tecnologicamente na produção e serviço de bens materiais, será que não produz mais empobrecidos e excluídos, quase dois terços da humanidade, condenados a morrer antes do tempo?.

Nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo cuidado.

Alimentamos a profunda convicção de que o cuidado, pelo fato de ser essencial, não poder suprimido nem descartado. Ele se vinga e irrompe sempre em algumas brechas da vida. Se assim não fosse, repetimos, não seria essencial. Onde o cuidado aparece em nossa sociedade? Em algo muito vulgar, quase ridículo, mais extremadamente indicativo: no tamagochi.

O que é o tamagochi? É uma invenção japonesa dos inícios de 1997. Um chaveirinho eletrônico, com três botões abaixo da telinha de cristal, que alberga dentro de si um bichinho de estimação virtual. O bichinho tem fome, come, cresce, brinca, chora, fica doente e pode morrer. Tudo depende do cuidado que recebe ou não de seu dono ou dona.

O tamagochi dá muito trabalho. Como uma criança, a todo o momento deve ser cuidado; caso contrário, reclama com seu bip; se não for atendido, corre risco. E quem é tão sem coração a ponto de deixar um bichinho de estimação morrer?

O brinquedo transformou-se numa mania mudando a rotina de muitas crianças, jovens e adultos que se empenham em cuidar do tamagochi, dar-lhe de comer, deixá-lo descansar e fazê-lo dormir. O cuidado faz até o milagre de ressuscitá-lo, caso tenha morrido por falta de atenção e de cuidado.

Bem disse um perspicaz cronista carioca: “solidão, seu codinome é tamagochi”. O cuidado pelo bichinho de estimação virtual denuncia a solidão em que vive o homem/ a mulher da sociedade da comunicação nascente. Mas anuncia também que, a pesar da desnaturalização de grande parte nossa cultura, a essência humana não se perdeu. Ela está aí numa forma do cuidado, transferido para um aparelhinho eletrônico, ao invés de ser investido nas pessoas concretas à nossa volta: na vovó doente, num colega de escola

deficiente físico, num menino o menina de rua, no velhinho que vende o pão matinal, nos pobres e marginalizados de nossas cidades ou até mesmo num bichinho vivo de estimação qual seja um hamster, um papagaio, um gato ou um cachorro.

O cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade. É o que vamos propor no presente livro.

Sonhamos com um mundo ainda por vir, onde não vamos mais precisar de pares eletrônicos com seres virtuais para superar nossa solidão e realizar nossa essência humana de cuidado e de gentileza. Sonhamos com uma sociedade mundializada, na grande casa comum, a Terra, onde os valores estruturantes se construirão ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo com os diferentes culturalmente, com os penalizados pela natureza ou pela história, cuidado com os espoliados e excluídos, as crianças, os velhos, os moribundos, o cuidado com as plantas, os animais, as paisagens queridas e especialmente o cuidado com a nossa grande e generosa Mãe, a Terra. Sonhamos e como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação.

I. A falta de cuidado: estigma de nosso tempo

Este livro vem escrito a partir de uma perspectiva de urgência. Por toda parte apontam sintomas que sinalizam grandes devastações no planeta terra e na humanidade. O projeto de crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar de bifurcações fenomenais. Qual é o limite de suportabilidade do super-organismo-Terra? Estamos rumando na direção de uma civilização do caos?

A Terra em sua biografia conheceu cataclismos inimagináveis, mas sempre sobreviveu. Sempre salvaguardando o princípio da vida e de sua diversidade.

Estimamos que agora não será diferente. Há chance de salvamento. Mas para isso devemos percorrer um longo caminho de conversão de nossos hábitos cotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais. A degradação crescente de adolescência. Importa que entremos na idade madura e mostremos sinais de sabedoria. Sem isso não garantiremos um futuro promissor.

Formalizando a questão, podemos dizer: mais que o fim do mundo estamos assistindo ao fim de um *tipo* de mundo. Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos de um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe e vive. Só a partir desta mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança.

A. Sintomas da crise civilizacional

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do cuidado, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado.

- Há um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial de Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada 3. E na Ásia uma em cada duas. São pequenos escravos a quem se nega a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia.
- Há um descuido e um descaso manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobra virulência.
- Há um descuido e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos. Esses nem sequer ingressam no exercício de reserva do capital. Perderam o privilégio de serem explorados a preço de um salário mínimo e de alguma seguridade social.
- Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comporta. Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos

os seres humanos. Essa situação se aprofundou com a queda do socialismo, acesa a consciência da cooperação e do internacionalismo.

- Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sente-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento.
- Há descuido e descaso pela dimensão espiritual do ser humano, pelo *esprit de finesse* (espírito de gentileza) que cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive. Não há cuidado pela inteligência emocional, pelo imaginário e pelos anjos e demônios que o habitam. Todo tipo de violência e de excesso é mostrado pelos meios de comunicação com ausência de qualquer pudor ou escrúpulo.
- Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; os investimentos sociais em seguridade alimentar, em saúde, em educação e em moradia são, em geral, insuficientes. Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos chafurdados no pantanal de interesses corporativos.
- Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade. A continuar esse processo, até meados do século XXI terão desaparecido definitivamente, mais da metade das espécies animais e vegetais atualmente existentes. É o que nos informamos **ou conectamos** e recente relatório sobre o estado da Terra (*The State of Environment Atlas*) dos Estados Unidos. Com eles desaparece uma biblioteca de conhecimentos acumulados pelo universo no curso de 15 milhões de anos de penoso trabalho evolutivo.
- Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade. Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio

físico-químico e ecológico do planeta e devastar a biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie *homo sapiens e demens*.

- Há um descuido e descaso generalizado na forma de se organizar a habitação, pensada para famílias minúsculas, obrigadas a viver em cômodos insalubres. Milhões e milhões são condenados a viver em favelas sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de deslizamentos, fazendo a cada ano milhares de vítimas. As formas de vestir de estratos importantes da juventude revelam decadência para resolver conflitos interpessoais e institucionais, normalmente superáveis mediante o diálogo e a mútua compreensão.

Atulhados de aparatos tecnológicos vivemos tempos de impiedade e insensatez. Sob certos aspectos regredimos á barbárie Mais atroz.

B. Remédios insuficientes

Face a esta situação de falta de cuidado, muitos se rebelam. Fazem de sua prática e de sua fala permanente contestação. Mas sozinhos sentem-se impotentes para apresentar uma saída libertadora. Perderam a esperança.

Outros perderam a própria fé na capacidade de regeneração do ser humano e de projeção de um futuro melhor. Vêm no ser humano mais a dimensão. Depois da vida há coisa pior do que perder o brilho da vida?

Outros têm fé e esperança. Mas propõem remédios inadequados aos sintomas de uma doença coletiva. Não vão a causar real das mazelas. Tratam apenas dos sinais.

Assim, por exemplo, muitos estimam que o mal-estar generalizado resulta do abandono da religião. Esquecendo-se Deus, afirmam, tudo é possível. Com efeito, o ser humano da modernidade entrou num aceleradíssimo processo de secularização. Não precisa de Deus para legitimar e justificar os pactos sociais. A religião persiste, mas não consegue ser fonte de sentido transcendente para o conjunto da sociedade.

O ser humano moderno criou um “complexo de Deus”. Comportou-se como se fora Deus. Através do projeto da tecnociência pensou que tudo podia, que não haveria limites à sua pretensão de tudo conhecer, de tudo dominar e de tudo projetar. Essa pretensão colocou exigências exorbitantes a si mesmo. Ele não agüenta mais tanto

desenvolvimento que já mostra seu componente destrutivo ao ameaçar o destino comum da terra e de seus habitantes. Irrompeu nele “o complexo de Deus” que o acabrunha.

Entretanto, cabe perguntar: a religião por si só consegue corrigir esse desvio? Basta tornar as pessoas mais piedosas? Ela pode seguramente revivificar uma dimensão da existência, o espaço institucional do sagrado e reforçar o seu poder histórico-social. Mas não necessariamente gesta um modo de ser mais solidário e compassivo. Nem *ipso facto* origina uma espiritualidade capaz de tudo religar e de tudo fundar na Fonte originária.

O decisivo não é as religiões, mas a espiritualidade subjacente a elas. É a espiritualidade de que une, liga e re-liga e integra. Ela e não a religião ajuda a compor as alternativas de um novo paradigma civilizatório.

Ao “complexo de Deus” devemos propor “o nascimento de Deus” dentro de cada pessoa e da história da humanidade, e sua epifania no universo.

Outros grupos opinam: para resolver a crise atual, deve-se reforçar a moral e a contenção dos costumes. Em nome dessa proposta mobilizam-se milhões de pessoas em defesa da vida inocente, contra o aborto, pela paz contra a guerra, por uma nova tecnologia mais benevolente para com o meio ambiente. A moral é importante. Mas se não nascer de uma nova redefinição do ser humano e de sua missão no universo, no contexto de uma nova aliança de paz e de sinergia para com a Terra e com os povos que nela habitam, ela pode decair num moralismo enfadonho e farisaico e transformar-se num pesadelo das consciências. Uma ética nova pressupõe uma ética nova. Cumpre investir nessa nova ótica, como tentaremos ao largo e ai longo de nossas reflexões.

Outros pensam: precisamos de mais educação, de mais formação e de mais informação. Obviamente, importa socializar os conhecimentos, aumentar a massa crítica da humanidade e democratizar os processos de empoderamento dos cidadãos. Certamente o saber é imprescindível. Sem ele não debelamos os figadais inimigos da humanidade como a fome, a doença e a incomunicação. O saber nos confere poder. O saber e o poder nos levaram à Lua e já para fora do sistema solar. Mas a serviço, de que projeto de ser humano, de sociedade e de mundo, utilizamos o poder da ciência e da técnica? A resposta a essa questão pede mais que ciência e técnica. Exige uma filosofia do ser e uma reflexão espiritual que nos fale do Sentido de todos os sentidos e que saiba

organizar a convivência humana sob a inspiração da lei mais fundamental do universo: a sinergia, a cooperação de todos com todos e a solidariedade cósmica. Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de sempre mais aprender. Mais do que poder necessitamos de sabedoria, pois só esta manterá o poder em seu caráter instrumental, fazendo-o meio de potenciação da vida e de salvaguarda do planeta.

Todas estas propostas, por sugestivas que sejam, não vão à raiz da questão essencial. Se notarmos, por exemplo, uma rachadura na parede, seria enganosa e irresponsável tomar cimento e cal e simplesmente tapá-la. Não seria imperativo analisar os fundamentos que tudo sustentam, geralmente invisíveis e detectar aí a causa da rachadura e saná-la pela raiz? Não seria essa a atitude mais racional e mais sábia? Se um filho começa a mostrar problemas nos estudos, a entregar-se à droga, a voltar de madrugada, de pouco vale culpá-lo e mantê-lo em rédeas curtas. Talvez o problema não esteja nele e sim na incapacidade de trabalhar criativamente as relações familiares destruídas, a contínua tensão entre pai e mãe e a crise financeira do pai que frustra os sonhos do filho e compromete o futuro de toda a família.

C. *Insuficiências do realismo materialista*

Analisando com mais profundidade, descobrimos por detrás do edifício da modernidade científico-técnico o funcionamento de uma determinada filosofia: *o realismo materialista*.

Chama-se de *realismo* a esta filosofia porque imagina que as realidades existem como objetos independentes do sujeito que as observa. Elas, na verdade, não são independentes. Não há objeto sem sujeito e sujeito sem objeto. Há unidade sagrada da realidade que, como um jogo, sempre inclui a todos como participantes e jamais como meros espectadores. Este realismo é pouco realista porque reduz o âmbito da realidade, ao não incluir nela o fenômeno da subjetividade, da consciência, da vida e da espiritualidade.

Desde tempos imemoriais, todos os povos e culturas se enchiam de veneração face à realidade do Divino que emprega todo o universo, vivenciavam o significado sagrado de todas as coisas e cultivavam a espiritualidade como aquela visão interior que unia tudo à sua Fonte divina. Somente, nos últimos quatro séculos, surgiu um tipo de humanidade cega a estas dimensões e, por isso, profundamente empobrecida em sua

realização no mundo. Ela encurtou a realidade ao tamanho dos cinco sentidos, organizados pela razão analítica.

Esta filosofia se entende *materialista*, no sentido antigo, porque pressupõe que a matéria (átomos, partículas elementares, vácuo quântico, etc) constitui a única realidade consistente; os demais fenômenos são derivações secundárias dela. Não assimilou ainda o fato de que a matéria não é simplesmente “material” mas é energia estabilizada, cheia de interações complexas. A matéria, como a filologia da palavra sugere de todas as coisas, até da vida que é a auto-organização da matéria. Ainda não se criou a consciência de que o visível é parte do invisível.

Hoje os sinos dobram o realismo materialista. A física quântica demonstrou a profunda interconexão de tudo com tudo e a ligação indestrutível entre realidade e observador, não há realidade em si, desconectada da mente que a pensa; ambas são dimensões de uma mesma realidade complexa. O universo é consciente. A moderna cosmologia demonstrou que este universo é matematicamente inconsistente sem a existência de um Espírito Sagrado e uma Mente infinitamente ordenadora.

A nova filosofia apresenta-se holística, ecológica e espiritual. Ela funda uma alternativa ao realismo materialista, com capacidade para devolver ao ser humano o sentimento de pertença à família humana, à Terra, ao universo e ao propósito divino.

Assim se supera o dado mais grave que se esconde por detrás da falta de cuidado: perda da conexão com o todo; o vazio da consistência que não mais se percebe parte e parcela do universo; a dissolução do sentimento do Sagrado face ao cosmos e a cada um dos seres, e a ausência da percepção da unidade de todas as coisas, ancoradas no mistério do Supremo Criador e provedor de tudo.

Sobre o conjunto destas questões devemos refletir com atenção até construirmos um novo estado de consciência. É a pré-condição para gestarmos uma atitude de maturidade e de sabedoria que nos ajudará a buscar outros caminhos, diferentes dos já trilhados até agora. Após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções.

D. Indicações para o caminho certo

Importa respostas, inspiradas em outras fontes e em outras visões de futuro para o planeta e para a humanidade.

Estas respostas não se encontram prontas em algum recanto privilegiado da terra. Nem em algum livro ancestral. Nem em mestres e gurus com novas ou antigas técnicas de espiritualização. Nem em alguma profecia escondida. Nem em iniciações rituais e mágicas. Nem simplesmente em caminhos terapêuticos à base de produtos naturais. Devemos aprender de todas estas propostas, mas cavar mais fundo, ir mais longe e evitar soluções calcadas sobre uma única razão. Importa inserir outras dimensões para enriquecer nossa visão.

Neste sentido as repostas vêm sendo formuladas concretamente pelo conjunto das pessoas que ensaiam práticas significativas em todos os lugares e em todas as situações do mundo atual. Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos destas mudanças. Elas se orientam por um novo sentido de viver e de atuar. Por uma nova percepção da realidade e por uma nova experiência do Ser. Elas emergem de um caminho coletivo que se faz caminhando.

Com efeito, cresce seminalmente um novo paradigma de re-ligação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem, inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra. Essa viragem se mostra pelo crescimento dos grupos que cultivam a ecologia, a meditação e a espiritualidade, cresce o número dos que acompanham com atenção o impacto ambiental dos projetos realizados pelas empresas privadas ou pelo estado; muitos são os que, em todas as questões abordadas, incorporam a perspectiva da Terra como um todo vivo orgânico. Mais e mais pessoas procuram alimentar-se com produtos naturais e mantêm sob severo controle o nível de contaminação e quimicalização dos produtos. Aumenta a consciência da corresponsabilidade pelo único planeta que temos, por sua imensa biodiversidade e por cada ser ameaçado de extinção. Aumenta o sentido de solidariedade para com populações dizimadas pela fome ou por alguma catástrofe natural. Mobilizam-se grupos e a opinião pública em defesa dos direitos dos animais e dos direitos humanos sociais e culturais; há um notável esforço de superação do patriarcalismo e pelo fortalecimento da dimensão da *ánima* no homem e na mulher, pelo apoio às mulheres, às minorias socialmente discriminadas que podem representar

milhões e milhões de pessoas como os negros, os povos, originários, os portadores de alguma deficiência ou doença, etc. A espiritualidade cósmica volta a animar espíritos sensíveis à mensagem que emana do universo e da natureza. Tradições religiosas e espirituais se revitalizam em contacto com os desafios do nosso tempo.

Sente-se a urgência de um novo *ethos* civilizacional que nos permitirá dar um salto de qualidade na direção de formas mais cooperativas de convivência, de uma renovada veneração pelo Mistério que perpassa e que sustenta o processo evolutivo.

Por toda parte se formulam ânsias por uma nova aliança de paz perene com as demais espécies e com a terra. Esse novo contrato social se assenta na participação respeitosa do maior número possível, na valorização das diferenças, na acolhida das complementariedades e na convergência construída a partir da diversidade de culturas, de modos de produção, de tradições e de sentidos da vida.

E. Uma nova ética a partir de uma nova ótica

Em momentos críticos como os que vivemos, revisitamos a sabedoria ancestral dos povos e nos colocamos na escola de uns e outros. Todos nos fazemos aprendizes e aprendentes. Importa construir um novo *ethos* que permita uma nova convivência entre os alunos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres.

Ethos em seu sentido originário grego significa a toca do animal ou casa humana, vale dizer, aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e fazer o nosso habitat. Temos que reconstruir a casa humana comum - a Terra - para que nela todos possam caber. Urge modelá-la de tal forma que tenha sustentabilidade para alimentar um novo sonho civilizacional. A casa humana hoje não é mais o estado-nação, mas a Terra como pátria/ mátria comum da humanidade. Esta se encontrava no exílio, dividida em estado-nações, insulada em culturas regionais, limitada pelas infundáveis línguas e linguagem. Agora, lentamente, está regressando de seu longo exílio. Está se reencontrando num mesmo lugar: no planeta Terra unificado. Nele fará uma única história, a história da espécie *homo*

Esse *ethos* (modelação da casa humana) ganhará corpo em morais concretas (valores, atitudes e comportamentos práticos) consoante as várias tradições culturais e

espirituais. Embora, diversas todas as propostas morais alimentação o mesmo propósito: salvar o planeta e assegurar as condições de desenvolvimento e de co-evolução do ser humano rumo a formas cada vez mais coletivas, mais interiorizadas e espiritualizadas de realização da essência humana.

De onde vamos derivar o novo *ethos* civilizacional? Ele deve emergir de natureza mais profunda do humano. De dimensões que sejam por um lado fundamentais e por outro compreensíveis para todos. Se não nascer do cerne essencial do ser humano, não terá seiva suficiente para dar sustentabilidade a uma nova florada humana com frutos sadios para a posteridade.

Devemos todos beber da própria fonte. Auscultar nossa natureza essencial. Consultar nosso coração verdadeiro. Essa dimensão fontal deverá suplantar a desesperança imobilizadora e insuficiente referidos acima. Quer dizer, essa dimensão fontal será base para um novo sentimento religioso. Criará um novo sentido ético e moral. Propiciará uma nova razão, instrumental, emocional e espiritual que transformará à ciência, a tecnologia e a crítica em medicina para a Terra e para a humanidade. Uma nova ética nascerá de uma nova ótica.

Qual será a ótica? Qual será essa dimensão seminal do humano, capaz de sustentar uma nova aventura histórica? De que *ethos* precisamos? Daquele que se opõe à falta de cuidado, ao descuido, ao descaso e ao abandono?

II. Cuidado: o *ethos* do humano

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

A atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressam a atitude de fundo. Quando dizemos, por exemplo: “nós cuidamos de nossa casa” subentendermos múltiplos atos como: preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam dando-lhes atenção, garantindo-lhes as provisões e interessando-nos com o seu bem-estar. Cuidamos da aura boa que deve inundar cada cômodo, o quarto, a sala e a cozinha. Zelamos pelas relações de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes.

Desvelamo-nos para que a casa seja um lugar de benquerença deixando saudades quando partimos e despertando alegria quando voltamos. Alimentamos uma atitude geral de diligência pelo estado físico da casa, pelo terreno e pelo jardim. Ocupa-nos do gato, cachorro, dos peixes e dos pássaros que povoam nossas árvores. Tudo isso pertence à atitude do cuidado material, pessoal, social, ecológico e espiritual da casa.

A. O cuidado como modo-de-ser essencial

Entretanto, o cuidado é ainda algo mais que um ato e uma atitude entre outras. Disse-o o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado, Martin Heidegger (1889-1976) em seu famoso *Ser o Tempo*: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”. Quer dizer, o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. E, se fizer, ela sempre vem acompanhada de cuidado e imbuída de cuidado. Significa reconhecer o cuidado como um *modo-de-ser* essencial, sempre presente irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.

Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano.

Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é o ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: “cuidado significa um fenômeno ontológico - existencial básico”. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana.

Podemos responder de muitas e de diferentes maneiras à pergunta: o que é o ser humano? A questão e sua correspondente resposta encontram-se subjacentes nas formações sociais nas diferentes visões de mundo, nas diversas filosofias, ciências e projetos elaborados pelo gênio humano.

A resposta latente e inconsciente, porém, se torna patente e consciente, quando formulamos a seguinte questão: que imagem de ser humano está sepultada numa cultura como a nossa que privilegia acima de tudo a racionalidade científica-técnica? A resposta natural será: o ser humano é um animal racional. Que imagem se oculta no modo de produção capitalista e na economia exclusivamente de mercado? A resposta óbvia será: o ser humano é essencialmente um ser de necessidades (um animal faminto) que devem ser satisfeitas e, por isso, um ser de consumo. Que imagem de ser humano subjaz ao ideal democrático? A resposta conseqüente será: o ser humano é um ser de participação, um ator social, um sujeito histórico pessoal e coletivo de construção de relações sociais o mais igualitárias, justas, livres e fraternas possíveis dentro de determinadas condições histórico-sociais. Que idéia de ser humano está pressuposta na luta pelos direitos humanos? A resposta clara será: o ser humano vem dotado de sacralidade porque é sujeito de direitos e de deveres inalienáveis e se mostra como um projeto infinito. Que compreensão de ser humano está subentendida no projeto científico-técnico de dominação da natureza? A resposta mais provável será: o ser humano se entende (ilusoriamente) como ápice do processo de evolução, o centro de todos os seres (antropocentrismo) e considera que as demais coisas, especialmente a natureza, só têm sentido quando ordenadas ao ser humano; ele pode dispor delas ao seu bel-prazer. Quando o místico São João da Cruz diz que o ser humano é chamado a ser Deus por participação, que imagem pressupõe do ser humano? A resposta ousada será: o ser humano tem a capacidade de dialogar com o Mistério do mundo, perguntar por um último Sentido e entrar em comunhão com Ele e ser um com ele. Por fim, que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano.

Convém sempre explicitar a imagem de ser humano subjacente em nossas visões de mundo, em nossos projetos e em nossas práticas. Pois assim conscientizamos o que queremos ser e podemos, continuamente, submeter essa imagem à crítica e a um possível aperfeiçoamento.

A humanidade abriu muitos caminhos na decifração da essência do ser humano. Serviu-se das artes, da pintura nas cavernas rupestres, dos desenhos em vasos de barro. Expressou-se pelos grandes monumentos, por miniaturas de marfim e por uma gama imensa de músicas folclóricas. Utilizou a palavra através de mitos, fábulas, poemas e narrativas. Usou do pensamento através da filosofia e das cosmovisões. As religiões, através dos mitos da criação, do fim do mundo e da plasmação do ser humano, ofereceram as decifrações mais ousadas da natureza humana. Hoje em dia prefere-se o cinema o universo virtual da comunicação e principalmente as ciências empíricas, hermenêuticas e holísticas. Todas elas implicitamente encerram uma antropologia, que dizer, uma determinada compreensão do ser humano, homem e mulher.

B. Os mitos: um conhecimento ancestral da essência humana

Todas estas achegas são de imenso valor. Na medida do possível iremos incorporar várias contribuições em nosso trabalho. Contudo, por nossa parte, vamos privilegiar um outro caminho, aquele dos muitos. Estimamos que as mitologias, mais que as ciências e as filosofias, encerram, junto com as religiões, os grandes elucidamentos da essência humana. Aí as culturas projetaram, geração após geração, grandes visões, acumularam reflexões, fizeram aprofundamento e os passaram a seus pósteros. Souberam usar de uma linguagem plástica, com imagens tiradas das profundezas do inconsciente coletivo, acessível a todas as idades e todos os tempos. Além das visões e dos símbolos, suscitam e continuam suscitando grandes emoções. E são essas que ficam e mobilizam as pessoas e os povos na história.

Não é seguro que nós modernos, com nossa inteligência instrumental, com toda nossa tradição de pesquisa empírica, de crítica e de acumulação de saberes sobre praticamente tudo, conheçamos mais o ser humano que os antigos formuladores de mitos. Estes se revelaram observadores meticolosos e sábios exímios de cada situação e de cada dobra da existência. Convêm revisitá-los, valorizar suas contribuições e escutar suas lições, sempre atuais.

Vamos, pois, perseguir o caminho dos mitos. Entretanto, há de se entender corretamente os mitos. Eles não são coisas do passado arcaico, produtos aleatórios do pensamento primitivo ou da fantasia incontrolada. São atuais, porquanto nós, modernos, também criamos mitos.

Os mitos são linguagem para traduzir fenômenos profundos, indescritíveis pela razão analítica. Como falar do namoro, do amor, do cuidado essencial, da tradição da pessoa amada, das crises da vida, das doenças incuráveis, do nascimento e da morte senão com emoção, contando histórias exemplares? Os conceitos abstratos e frios não conseguem traduzir as cores da realidade. Não geram figurações na imaginação. Por isso, de certa forma, falseiam nossa experiência dos fenômenos vividos.

Como bem disse, a linguagem consagrada da psicologia científica vigente representa, em boa parte, um insulto à vida porque, na elaboração de seus instrumentos de análise, deixa de fora as energias poderosas; verdadeiros deuses e deusas que habitam a profundidade humana, as imagens e os símbolos. Preferem os conceitos abstratos, extraídos de um paradigma que privilegiava a física e a mecânica. Devemos, pois, saber combinar inteligência instrumental-analítica, donde nos vem o rigor científico, com a inteligência emocional-cordial, donde derivam as imagens e os mitos.

As deusas e os deuses mitológicos não devem ser considerados como existentes em si mesmos, seres substanciais e independentes de nossa existência. Configuram arquétipo do inconsciente coletivo, vales dizer, centros de grande energia e significação, que somente através da linguagem dos heróis e das heroínas, dos deuses e das deusas podem ser expressos adequadamente. São figuras carregadas de emoção, feitas referências paradigmáticas e inspiração mobilizadoras para os comportamentos humanos.

O politeísmo não representa um estágio inferior da evolução religiosa rumo ao monoteísmo. Bem compreendido, não que tanto afirmar a multiplicidade de divindades, mas as mil faces da mesma e única Divindade, do único Mistério de comunhão, vinculado à dinâmica aberta do mundo e do espírito. O monoteísmo, por sua vez, caminha *pari passu* com o surgimento de visões imperiais unitárias que empobrecem a polivalência do sagrado.

Entendidas como forças espirituais poderosas, as múltiplas divindades representam os mútuos centros energéticos e as diferentes fontes de sentido que estruturam a interioridade humana. Esta interioridade é habitada pela Divindade. Por isso somos seres espirituais além de corporais e psíquicos. Espiritual e psicicamente não somos monoteístas, mas plurais. Temos muitos centros vitais e não apenas um. Nem somos dominados por um deles, seja a razão, seja o poder, seja o desejo, seja o

coração. Mas somos perpassados e circundados por muitos; eles fazem a vida humana dinâmica e também cuidados por muitos; eles fazem a vida humana dinâmica e também dramática. Todos, pois, se encontram articulados na existência singular de cada pessoa. Através de cada uma dessas energias temos acesso à Energia suprema que habita no universo e no coração humano.

Vamos analisar uma fábula-mito do cuidado. É no cuidado que vamos encontrar o *ethos* necessário para a sociabilidade humana e principalmente para identificar a essência fontal do ser humano, homem e mulher. Quando falamos de *ethos* queremos expressar o conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente. É urgente um novo *ethos* de cuidado, de sinergia, de re-ligação, de benevolência, de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas e condenadas da Terra.

III. A fábula-mito do Cuidado

A fábula-mito sobre o cuidado essencial é de origem latina com base grega. Ela ganhou sua expressão literária definitiva pouco antes de Cristo em Roma. Vamos fornecer a versão original latina. Em seguida sua tradução brasileira.

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter”.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito, receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura”.

“Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer”.

“Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver”.

“E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”.

É a partir do texto fábula-mito que vamos construir nossas reflexões sobre o cuidado. Será visto como a verdadeira essência do ser humano. Antes, porém, vamos conhecer o autor desta inspirada criação literária.

IV. Um escravo genial: Gaius Julius Hyginus

Os mitos não têm autor. Pertencem à sabedoria comum da humanidade, conservada pelo inconsciente coletivo sob a forma de grandes símbolos, de arquétipos e de figuras exemplares. Em cada geração emerge na consciência sob mil rostos. Através deles transmite-se sempre a mesma mensagem essencial. Ilumina caminhos e inspira práticas. No entanto, há momentos em que o mito ganha uma formulação clássica. Hesíodo na Grécia (meados do século VII aC), Ovídio em Roma (43 aC -17 dC), os irmãos Grimm na Alemanha (1785-1863) e Luiz da Câmara Cascudo no Brasil (1898-1986) foram alguns desses escriba inspirados.

Assim ocorreu com a fábula-mito do cuidado essencial, também conhecida como “a fábula de Higino”. Como asseveramos, o importante não é o autor da narrativa do mito mas sua significação. Apesar disso, não deixa de ser interessante conhecer quem foi Higino e porque ele mesmo se transformou numa figura-mito.

A. A saga de Higino

Seu nome completo é: Gaius Julius Hyginus. Atendemos para o contexto de seu aparecimento. Corria o ano 44 antes de Cristo. Caio Júlio César (100-44 aC), famoso general, cônsul e fundador da dinastia dos César romanos foi assassinado em pleno Senado por seu filho adotivo Brutus. Para sucedê-lo, criou-se um triumvirato,

constituído por três cônsules: seu neto adotivo caio Júlio César Otávio (63 aC -14 dC), Marco Antônio (83-30 aC) e Marcos Emílio Lépido (falecido no ano 12 aC).

Os três logo se desentenderam. Cada um disputava o poder absoluto. Otávio, mais hábil e astuto, venceu seus dois concorrentes. No ano 27 antes de Cristo fez-se proclamar imperador, apropriando-se do título Augustus, até então somente reservado aos deuses. A partir de então se chamou César Augusto. Foi sob seu império que nasceu Jesus Cristo, fato que para nós cristãos não é destituído de importância.

No ano 47 antes de nossa era, ainda em plena disputa pelo poder, Otávio entrara vitorioso, em Alexandria, grande cidade no norte do Egito, famosa por sua cultura, por suas escolas filosóficas e por suas bibliotecas. Foi nessa ocasião que encontrou Higino, jovem brilhante por sua inteligência e por sua vasta cultura, não obstante seus 22 anos. Fascinado, decidiu levá-lo consigo para Roma.

Como soia acontecer naquele tempo, todo general vencedor podia tomar como escravos as pessoas que despertasse seu interesse. Seus escravos eram muitas vezes preceptores dos filhos em língua e cultura gregas. Como sinal público da posse, impunham-lhes seus próprios nomes foi assim como Higino. Passou a ser chamado Caio Júlio Higino, embora historicamente seja conhecido simplesmente como Higino.

Em Roma, passado algum tempo,, Augusto o libertou. Manteve-o, entretanto, a seu serviço. Encaminhou-o à melhor escola da época, dirigida por Alexandre Polihistor, antigo escravo de Alexandria, também ele liberto. Este era diretor da famosa Biblioteca Palatina fundada por Augusto no ano 28 aC.

As bibliotecas na Antiguidade eram mais que nossas bibliotecas atuais. Equivaliam às fundações culturais ou às academias dos dias de hoje. Nelas não havia apenas livros, mas cursos de todo tipo, desde teologia, história, botânica até astrologia. Lá se davam freqüentes disputas filosóficas e se realizavam encontros de intelectuais, de poetas e de historiadores.

Nesse ambiente de efervescência cultural, Higino fez brilhante carteira. Entusiasmado com seu antigo escravo, César Augusto, que tudo acompanhava, confiou-lhe a Biblioteca Apollinis. Isso significava que Higino podia abrir seus próprios cursos e organizar a atividade intelectual em contacto direto com os melhores espíritos da época e como os muitos livros da biblioteca. Tinha então apenas 30 anos.

Com a morte de Alexandre Polihistor, César Augusto o nomeou diretor da biblioteca central, isto é, da Biblioteca Palatina. A partir daí, por mais de 40 anos animou toda a vida cultural de Roma. Conta-se que com a idade de 70 anos ainda trabalhava.

O grande poeta Ovídio (43 aC- 17 dC) era seu amigo íntimo. O próprio Virgílio (70 aC- 19 dC), considerado o maior poeta latino, foi seu aluno.

Segundo os historiadores, Higino morreu pobre no ano 10 de nossa era, pois não sabia administrar bem seus negócios. Ovídio, em solidariedade à sua desdita, dedicou-lhe uma ode com o título “Tristitia Hygin” que significa “Os insucessos de Higino”.

B. A obra de Higino

Higino aproveitou os contactos e as fontes da biblioteca para escrever uma obra numerosa. Produziu textos teológicos sobre as características dos deuses (*De propriatibus deorum*), especialmente sobre os deuses familiares (*De dis penatibus*). Especializou-se em biografias. Publicou seus seis tomos sobre a vida e as obras de pessoas ilustres do mundo e de Roma (*De vita rebusque illustrium virorum e De viribus illustribus urbis Romae*). Dedicou-se também à ecologia e fez minuciosas descrições geográficas sobre as cidades itálicas (*De situ urbiium Italicorum*) e sobre a agricultura. Escreveu a primeira monografia conhecida sobre as abelhas (*De apibus*). Discorreu sobre astronomia e astrologia (*De mundi et sphaerae; De signorum coelestium historiis; De astrologia*). Como se depreende, um homem inquieto e de múltiplos interesses intelectuais.

Sua obra principal que nos interessa diretamente chama-se: Fábulas ou Genealogias (*Fabulae seu Genealogiae*). Trata-se da recopilação de 300 lendas, história e mitos da tradição grega e latina. Obra imensa, porém desigual. Contém materiais das mais diversas procedências, com estilos diferentes, encerra até contradições. Isso fez pensar que o livro das Fábulas não fosse exclusivamente de Higino. Culto e refinado como era, pensava-se, não teria incorrido em erros e em contradições manifestas. Estas corriam por conta de outras mãos que teriam interferido no texto.

Outros, entretanto, tiveram interpretações diferentes: Higino teria respeitado os materiais assim como os encontrara. Apenas ordenou-os. Alguns, sim, foram retrabalhados por ele com esmero e estética, pois nisso era mestre refinado.

É o que parece ter ocorrido com a fábula-mito de número 220 que acabamos de transcrever. Sua origem seria grega, re-elaborada, entretanto, por Higino nos termos da cultura romana. Tornou-se concisa e de grande beleza literária.

A seguir procuraremos analisar aspectos antropológicos, filosóficos e éticos do relato.

V. A explicação da fábula-mito do cuidado

Explicamos agora os figurantes desta bela fábula-mito. Tal diligência nos fornecerá elementos básicos para iluminar a essência humana e fundamentar o ethos para um novo tempo.

A. O que é uma fábula? O que é um mito?

Antes de mais nada deixemos claro o que entendemos por fábula e por mito.

Fábula é uma narrativa imaginária cujos personagens são, via de regra, animais, plantas ou a personificação de qualidades, virtudes e vícios, com objetivo de transmitir lições morais ou tomar concreta uma verdade abstrata. Conhecidas são as fábulas de La Fontaine (1621-1695) como, por exemplo, a da raposa e das uvas.

No nosso caso, Higino personifica a dimensão “cuidado”. Cuidado passeia pela praia, observa o pedaço de barro, põe-se a imaginar e acaba moldando um boneco de argila. Discute com Júpiter e com a Terra. Acata a sentença de Saturno.

Essa fábula é urdida com figuras mitológicas greco-latinas de grande significação simbólica, como Júpiter, Terra e Saturno. Em razão disso chamamos essa fábula -mito. O que, então, um mito?

Mito é algo muito complexo pelas ambigüidades que encerra. Na linguagem comum da comunicação de massa, mito pode veicular uma visão reducionista, ocultadora e interesseira da realidade. Equivale, então, à ideologia. Mito designa, portanto, clichês e crenças motivos acerca de temas relevantes (pessoas, situações,

acontecimentos) que circulam na cultura. Assim se fala do “mito do bom selvagem”, do “mito do sexo frágil” ou do “mito do negro preguiçoso”.

Com essas expressões se quer transmitir a crença de que o indígena é um selvagem sempre bom como um ser natural e não contaminado pela cultura, essa compreensão representa um clichê reducionista, porque o indígena tem cultura, intervém, a seu modo, na natureza e como outros seres sociais tem sua dimensão simbólica e dia-bólica.

A cultura patriarcal qualificou de fraca a mulher e forjou o mito do sexo frágil, o que não é verdade. A mulher tem sua forma de ser forte. Neste caso o que conta não é tanto a força muscular. No trato com os filhos, desde sua gestação, nas crises de passagem e no seu acompanhamento ao largo da vida, especialmente na condução da complexidade de uma casa e na capacidade de suportar sofrimentos e suplantar obstáculos, ela mostra uma força e uma pertinácia que deixa o homem longe para trás. Em muitos aspectos a mulher é o sexo forte e o homem o sexo fraco.

A acusação do que o negro é preguiçoso, além de ser inverdade, é calúnia. Quase tudo que se construiu nos países escravistas como o Brasil, a Colômbia, o Caribe e o Sul dos Estados Unidos veio da mão de obra negra escrava. Os negros mostraram grande diligência, apesar de serem tratados como “peças”, carvão a ser consumido na máquina da produção. Ademais foi o grupo que possivelmente mais impregnou de valores a cultura brasileira e norte-americana com elementos que vão da culinária, da música, da linguagem até à doçura nas relações e ao misticismo. Eles, embora escravos, foram agentes civilizadores.

Mito. Para outros, equivale à mera fantasia ou a uma interpretação distorcida da realidade. Mito se oporia, então, a realidade. Assim, por exemplo, os propalados efeitos positivos dos adoçantes artificiais sobre o organismo são, para os nutricionistas sérios, um mito e não uma realidade. Se por um lado não possuem calorias, por outro aceleram o processo de desgaste dos neurônios, abrindo caminho para a aceleração da esclerose. Assim se diz também que alguém é acometido de mitomania. Quer dizer, tem a mania de inventar “mitos”, acontecimentos fictícios, factóides, ou mania de projetar interpretações mirabolantes da realidade.

Não assumimos essas acepções, pois elas não nos ajudam a entender o fenômeno que queremos analisar. Por isso, as ciências modernas criticam tais acepções; conferem ao mito um significado altamente positivo, especialmente na filosofia, antropologia, psicologia do profundo e na teologia contemporânea.

A escola psicanalítica junguiana afirma, por exemplo, que certa pessoa virou mito quando viveu uma biografia (um relato existencial ou saga) com tal densidade que muitos se reencontram a si mesmos nela ou por ela vêem realizados ideais e sonhos ancestrais. Semelhantemente fala-se do mito futebolístico de Pelé, do mito cinematográfico de Charle Chaplin, do mito midiológico da princesa Diana, do mito ético-político de Mahatma Gandhi e do mito profético-religioso de Dom Hélder Câmara ou de Luther King Jr. Tais pessoas se transformam em símbolos poderosos, que dizer, mitos, capazes de cristalizar energias coletivas, falar ao profundo das pessoas e mobilizam multidões.

Mais ainda. A antropologia e a filosofia das formas simbólicas nos convenceram de que o mito constitui uma forma autônoma de pensamento, diferente da razão. É tão legítima como qualquer outra. Constitui uma expressão da inteligência emocional, distinta da inteligência funcional. Esta informa sobre objetos; é utilitária, calculadora e instrumental; é a arma da ciência e da técnica, imprescindível ao funcionamento da vida no seu dia-a-dia. Aquela, a inteligência emocional, utiliza imagens, símbolos, parábolas, contos e mitos para evocar sentimentos profundos, expressar o que dá sentido e valor ao ser humano. Ela toca o coração e provoca emoções. Os poetas, os mestres religiosos e espirituais como Jesus, Isaías, Maomé, Buda, o místico o amor é a força mais originária do universo. Segundo o mito, o amor é anterior ao céu e à terra. Em sua versão mais antiga, Eros nasceu do Caos e da Noite. Portanto, de uma realidade anterior e mais originária. A Noite pôs um ovo fecundado. Dele nasceu Eros, o amor. Das duas metades da casca, nasceram o Céu (Urano) e a Terra (Géia). Por força de Eros, o Céu e a Terra se apaixonaram, se uniram e geraram as diversas coisas existentes no mundo. Essas coisas, por sua vez, também se atraem e se amam. Buscam unir-se pelo amor. Eros, pois, é responsável pela diversidade (céu e terra e todas as coisas) e ao mesmo tempo, pela unidade de todas as coisas (atração que tudo, pessoas e coisas sentem umas pelas outras).

Belíssimo e também o mito tupi da mandioca, alimento básico de várias culturas indígenas. Conta-se que um dia certo cacique ganhou uma linda netinha. Sua pele era branca como a nuvem mais branca. Mandi era seu nome. Todos ficaram intrigados e amedrontados quando viram a cor da pele de Mandi. Na tribo os olhares se cruzavam comparando o castanho-dourado de suas peles com a **lavura** da linda menina. E acreditaram que o fato significava um triste presságio. Pediram, então, ao cacique, sem meias-palavras que fizesse desaparecer sua netinha. Ele, no entanto, cheio de amor e compaixão, foi protelando tal crueldade dia após dia. Até que no silêncio de uma certa noite, ainda de madrugada, foi ao rio, levando a netinha. Lavou-a cuidadosamente. No dia que seguiu, reuniu a tribo e disse com voz forte para não tolerar objeções: os espíritos recomendaram que Mandi fique entre nós e que seja bem tratada por todos da tribo. Os índios, ainda em dúvida, obedeceram e acabaram resignando. Com o passar do tempo, Mandi foi crescendo com tanta graça que todos esperaram o mau presságio e acabaram por ser cativados por ela. O cacique estava orgulhoso e feliz. Mas um dia, inesperadamente, Mandi morreu. Os pais, sabendo o quando o avô-cacique a amava, enterraram-na em sua maloca. Mas ele, inconsolável, fechou-se em sua dor e nada fazia senão chorar. Chorava dia e noite sobre a tumba de sua querida Mandi. Tantas e tantas foram as lágrimas que do chão brotou uma plantinha. Os pássaros vinham bicá-la e ficavam inebriados. Conta o mito que, um dia, a terra se abriu para deixar à mostra as belas raízes da planta, nascida do pranto do avô. Os índios, respeitosos, as colheram e logo viram que rejam branquíssimas como a pele de Mandi. E, ao comê-las, perceberam que eram deliciosas. E assim foi que aquelas raízes se fizeram o principal alimento dos índios tupi. Chamaram então as raízes de Mandioca que significava “o corpo de Mandi”.

Como se desprende destes dois exemplos, o mito quer expressar valores de grande irradiação que não podem ser adequadamente expressos por conceitos. Criam-se, então, estórias. Estórias são narrativas carregadas de emoção, de símbolos e representações, para dar razões ao mistério do amor e à importância da mandioca na dieta dos povos da floresta. Eis a riqueza do mito. Cada um se encontra a si mesmo nos grandes mitos ou encontra razões para realidades tão fundamentais como o amor e a comida.

Algo parecido ocorre com o cuidado. O cuidado é tão importante para a vida humana e para a preservação de todo tipo de vida, que deu origem a uma fábula-mito.

Foi personalizado, virou um ser concreto. Como tal, o cuidado molda a argila. Conversa com o céu (Júpiter) y a terra (Tellus). Convoca a autoridade do deus céu e da terra que fundou a idade de ouro e a utopia absoluta do ser humano (Saturno). A fábula-mito do cuidado elaborada por Higino quer explicar o sentido do cuidado para a vida humana. No seu surgimento atuaram as forças universais mais importantes: o céu (Júpiter), a terra (Tellus), a história e a utopia (saturno).

Ela recolhe ainda uma experiência testemunhada em muitas culturas do Ocidente e do Oriente: a criação do ser humano a partir de barro da terra, plasmado a partir do húmus que significa terra fértil. De húmus deriva seu nome: homem, filho e filha da terra fecunda (húmus), como o relato bem o diz. Algo semelhante sinalizam os dois primeiros capítulos do Gênesis: Adão é feito do barro da terra. A palavra hebraica para a terra é *Adamah*. De *Adamah* vem Adão que significa o filho e a filha da terra.

A fábula-mito testemunha também que o ser humano não pode ser interpretado apenas a partir da terra (Tellus). Ele possui algo do céu, do divino (Júpiter). Por isso, o relato conta que esse barro não permaneceu inerte. Recebeu da divindade o princípio da vida, o espírito. Só então é realmente ser humano completo. É Júpiter, a divindade suprema, que lhe infunde espiritualidade. Cabe perguntar para melhor compreender: quem é Júpiter? Quem é Tellus?

B. A dimensão céu: Júpiter

Júpiter é a divindade central da religião romana. É o deus criador do céu e da terra, dos deuses e dos seres humanos. Talvez a filologia da palavra Júpiter nos desvende a experiência que seu nome oculta. Por detrás da palavra Júpiter se esconde a partícula *Jou* provinda do sânscrito *dew* que significa luz, brilho e claridade. *Piter*, presente em Júpiter é a fór antiga de *pater*, pai. Júpiter significa então o pai e senhor da luz. Da raiz sânscrita *dyew* subjacente à língua grega, latina, germânica, céltica e lituana, proveio Deus e dia. Deus neste contexto remete a uma experiência de luz. A luz com seu brilho e calor constitui uma das experiências fontais da psique. Ela corporifica o sentido de ver o esplendor da natureza e das estrelas, de identificar um caminho e de livrar-se da angústia da escuridão e da errância. Desejar um “bom-dia” a alguém significa, originalmente, desejar-lhe um bom deus e muita luz em seu caminho.

Quem guarda hoje em dia ainda essa memória sagrada, presente numa expressão tão corriqueira como “bom-dia”.

Júpiter se manifestava na vivência religiosa dos romanos pelo resplendor do dia e também pelos raios, relâmpagos e trovões nas tempestades (Júpiter tonante). Foi neste contexto que Júpiter se sincretizou com Zeus o deus maior do panteão grego, pois possuía a mesma significação. O nome de Zeus deriva do sânscrito *dyew pitar* ou também *dyaus pitar* significando o pai do céu luminoso e do dia ensolarado.

A agricultura depende em muito da luz e dos fenômenos atmosféricos como do frio e do calor, da chuva e do vento. Por isso Júpiter era venerado como o protetor e promotor da agricultura. Da agricultura, ontem como hoje, provém a alimentação para a vida. Júpiter tem a ver com a produção e reprodução do mistério da vida. E era assim venerado como divindade central.

Como representava o deus, supremo, os imperadores romanos se colocavam sob sua proteção. Ou pretendiam até representar seu poder, sua justiça, seu direito. Alguns sentiam-se, como Augusto (64 aC - 14 dC) e ironicamente Nero (37-68), a encarnação do deus Júpiter.

Quando Júpiter aparece na fábula-mito, vem apresentado como o criador e doador de vida e de espírito. Ele configura a plenitude da divindade, quer dizer, da dimensão transcendente da realidade.

C. A dimensão terra: Tellus/Terra

Na fábula-mito de Hígino ganha especial importância deusa Tellus/Terra. Em todas as culturas, também na tradição greco-romana, a terra constitui um dos mitos centrais. Ela recebe muitos nomes: Gaia/Tellus, Demeter/Ceres, Héstia/Vesta, como logo explicaremos abaixo.

Importa, antes de mais nada, constatar que nos mais antigos testemunhos do período paleolítico, quando vigorava o matriarcado, portanto há mais de 40 séculos, representava-se o universo como uma grande mãe, *Mater Mundi*. Ela, por si mesma e sem concurso de ninguém, gerava tudo: os céus, os deuses, os seres humanos e todos os demais entes da natureza. A cabeça deste organismo vivo era figurada pelo céu

estrelado; o busto, pela terra onde se encontra a vida humana; e embaixo, pelo *anus mundi* (o ânus do mundo), o lugar do inferno.

Num estágio potreiro, sob a égide do patriarcado, a partir do neolítico, portanto 10 mil anos atrás, elabora-se uma representação mais reduzida. A terra não é mais sentida como a realidade total. Ela é uma parte da realidade junto com outra, o céu. Representa a Grande Mãe (*Magna Mater, Bona Mater*) aqui embaixo, esposa do Grande Pai lá em cima no céu. Como toda mãe humana, ela gera, nutre, defende e continuamente dá vida. Sempre se compões e contrapões à outra parte do todo, ao Pai do Céu (*Pater Coelorum*). Mas do casamento ente o céu e a terra se originam todas coisas. O céu representa o princípio masculino, o sêmen, a semente e o elemento organizador. A terra, o princípio feminino, o útero que recebe o sêmen, o elemento acolhedor. Ambos à sua maneira, são princípios ativos.

Três figuras mitológicas representavam, no imaginário greco-romano que subjaz à nossa cultura ocidental, o mistério da Terra: na versão grega, Gaia, Deméter e Héstia e seus correspondentes romanos, Tellus, Ceres e Vesta. Eles têm a ver com experiências que nós também fazemos hoje.

Gaia/Tellus (ou também Géia, combinação de *gê* = terra e *aia* = grande, donde resultou a corruptela Gaia ou Géia), a Grande Mãe, representava o planeta Terra como um todo vivo e produtor de vida.

Deméter/Ceres representava a parte cultivada da terra. Aqui entra a colaboração humana com o trabalho e a arte do cultivo. Era a deusa das sementeiras. De Ceres nos vem a palavra cereais.

Por fim Héstia/Vesta simboliza aquela parte da terra que reservamos e delimitamos para construir o lar humano. Em toda casa romana havia no centro o fogo que ardia dia e noite. Era o sinal de Héstia, de que na casa havia vida, aconchego e acolhida.

Gaia/Tellus, Deméter/Ceres e Héstia/Vesta eram as referências afetivas pelas quais os gregos e os romanos elaboravam sua ecologia, vale dizer, seu relacionamento reverente com o meio-ambiente. Tudo era carregado de respeito e veneração, pois viam a coisas não como simples seres inertes, mas cheios de irradiação e de significado. A Terra, nas várias expressões de Grande Mãe, de terra cultivada e de lar, era sentida como

um organismo vivo. Ele não pode ser violado e depredado. Caso contrário se vingará através de tempestades, raios, secas, incêndios, terremotos e vulcões.

O ser humano mantinha uma relação de veneração e de temor face à Mãe-Terra. Esse sentimento nunca se perdeu totalmente na humanidade. Sempre houve espíritos sensíveis à magia e ao encantamento da natureza, mesmo na época da ciência moderna que dessacralizou o mundo e o reduziu a um baú de recursos a serem explorados pela tecnologia. Nos dias atuais esse sentimento ressurgiu a partir das assim chamadas ciências da terra. Elas tendem também a ver mais e mais a Terra como Gaia, um superorganismo vivo, altamente organizado e com um equilíbrio sutil, sempre frágil e sempre por refazer. tal é a teoria de Gaia, proposta pelo cientista da NASA, James Lovelock, como uma nova (na verdade, antiga) forma de verdadeira Terra, qual organismo vivo. A partir de dados científicos e empíricos ele e outros querem expressar o mesmo que os mitos originários expressavam por via da intuição e da comunhão: a Terra é viva e produz todas as formas de vida.

Na fábula-mito de Higino a Terra surge reivindicando sua mais alta ancestralidade. Ela forneceu a Cuidado o material donde moldou o ser humano, a argila. A deusa Terra-Tellus representa a dimensão-terra, a perspectiva imanente da realidade.

A dimensão história e utopia: Saturno

Por fim, para pôr termo ao conflito entre o céu (Júpiter) e a terra (Tellus), é convocado Saturno. Quem é ele? Por que exatamente Saturno e não outro deus? Não é Júpiter, o deus supremo? Supõe-se que Saturno está acima do próprio Júpiter, pois deve mediar na disputa em que Júpiter está envolvido. Efetivamente assim, como logo veremos.

O mito de Saturno é um dos mais complexos da mitologia antiga. Nele se sincretiza e se sobrepõem muitas vertentes mitológicas etruscas, gregas, órfico-pitagóricas e romanas. Esta complexidade revela sua profunda significação para o entendimento da vida humana. Aqui ressaltamos apenas aqueles aspectos que interessam à fábula-mito de Higino.

Uma primeira indicação de seu significado original deriva do próprio nome Saturno. Vem de *status* que significa semeado, do verbo *serere*, semear e plantar. Saturno é o deus das sementeiras e da agricultura, deus tipicamente itálico y

mediterrâneo. Sua importância se traduz pela maior de todas as festas romanas, as Saturnais. Era um verdadeiro carnal. Tudo parava: os que normalmente nos outros dias era proibido, na semana das Saturnais era permitido. Nas festas saturnais investiam-se os papéis: os escravos se vestiam de senhores e estes os serviam. Comendo, bebendo, dançando e cantando se organizavam desfiles carnavalescos sob a batuta do *Rei Saturnalício* (*princeps saturnalicus*), verdadeiro Rei Momo, escolhido anualmente.

Antecipava-se a grande utopia política da humanidade: o encontro, pelo caminho da festa e do inconsciente coletivo, com o mito da idade de ouro e do paraíso perdido. Segundo esse mito, originalmente não havia classes, nem leis, nem crimes, nem prisões; todos viviam em plena liberdade, em justiça, paz, superabundância e alegria, como irmãos e irmãs em casa. Essa memória bem-aventurada nunca foi perdida na consciência da humanidade, até os dias de hoje seja projetada no passado, a ser resgatada, seja no futuro, a ser construída. Essa utopia mobilizou movimentos, cria ideologias e alimenta o imaginário dos seres humanos que não se cansam de sonhar com um futuro reconciliado e integrado da sociedade humana. Uma sociedade e os cidadãos não podem viver sem uma utopia. Caso contrário, se fazem vítimas de portadores mesquinhos de poder que dele fazem uso em benefício próprio, sem perspectivas de bem-estar para todos. O deus Saturno incorporava todos esses valores. E eram celebrados numa festa que rememorava a idade de ouro. Os carnavais modernos, especialmente no Brasil, guardam ainda essa memória antiga.

Por causa destas festas, o deus saturno dos romanos foi sincretizado com o deus Crono dos gregos. Crono era o deus antigo da utopia originária da sociedade feliz. Para Crono se celebravam também festas com o mesmo sentido de resgate da idade de ouro, de liberdade, de igualdade fraterna e de inversão de papéis. Eram as Cronia equivalentes à Saturnalia. Crono/ Saturno era o deus antigo, anterior a Júpiter; foi o primeiro rei dos deuses, senhor do céu e da terra. Reinava nas ilhas Fortunas. Aí viviam os bem-aventurados num reino de paz, de justiça, de jovialidade e de abundância: a idade de ouro na qual os rios eram de leite e de néctar e onde a terra produzia tudo sem trabalho e suor dos camponeses. Essa idade de ouro é cantada pelo poeta romano Ovídio (43 aC-17 dC) como “a primavera eterna onde os ventos com seu hálito suave acariciavam as flores nascidas sem precisar de semente”.

O mito da idade de ouro, presidido por Crono/Saturno, representa a utopia maior, o ideal da humanidade socialmente integrada. Como foi assumida pelo filósofo Platão em sua compreensão da política e das leis. Somente seres superiores e divinos como Cronos/Saturno, pensava Platão, evitam o despotismo inerente aos portadores humanos de poder e garantem a felicidade da espécie humana. Crono/Saturno é o arquétipo do governante sábio, do legislador justo e do rei magnânimo.

Depois de Crono/Saturno veio a separação entre os deuses e deusas no céu e os seres humanos na terra, a ordem social hierarquizada, surgiram as classes, a luta pelo poder e a história conturbada dos tempos de paz e de guerra: a idade de ferro e de bronze.

A ancestralidade de Saturno/Crono o colocava fora de concorrência com Júpiter/Zeus. É por esse título de deus antigo, sábio e justo, o deus do tempo e da utopia, reinando para além de qualquer conflito, na idade de ouro, que ele foi convocado para dirimir a questão entre a Terra (Tellus) e o céu (Júpiter) a propósito do nome a ser dado ao ser humano.

Há um outro elemento que possivelmente ressoa na fábula-mito do cuidado essencial: a identificação de Saturno-Crono com o tempo. De fato Chrono com h significa, em grego, tempo. Essa semelhança das palavras Crono e Chrono fez com que o deus Crono personalizasse o tempo. Saturno, identificado com Crono, passou também a simbolizar o tempo. O deus Crono/Saturno assume, então, o papel que o tempo possui: tudo cria, tudo ceifa, tudo devora, a ele tudo está submetido; é soberano sobre o destino das pessoas. Isto significa que o ser humano se encontra enredado no tempo; está lançado na duração temporal, é um ser histórico que tem passado, presente e futuro e que constrói sua identidade no percurso do tempo, animado por uma utopia de integração, a idade de ouro.

O ser humano é, simultaneamente, utópico e histórico-temporal. Ele carrega em si a dimensão Saturno junto com o impulso para o céu, para a transcendência, para o vô da águia (Júpiter). Nele se revela também o peso da terra, da imanência, o cisar da Gaia (Tellus). É pelo cuidado que ele mantém essas polaridades unidas e faz delas material da construção de sua existência no mundo e na história. Por isso o cuidado é cuidado essencial.

VI. Dimensões do Cuidado

Depois de levantar os dados mais seguros acerca dos figurantes fábula-mito do cuidado e decifrar o que se oculta atrás deles, importa aprofundá-los existencialmente. O que se esconde, em termos de experiência de vida e de sentido, por detrás das figuras Júpiter, Terra e Saturno?

Já o acenamos antes, mas agora tentaremos identificar seus conteúdos com mais detalhe: não se trata de seres autônomos como se fossem subsistentes e independentes de nós. Eles existem apenas como metáforas para expressar dimensões profundas do humano, difíceis de serem traduzidas na simples linguagem conceitual.

São também denominados centros energéticos-espirituais ou arquétipos seminais que estruturam a vida em sua realização histórico-social.

Outros preferem dizer que são concentrações privilegiadas do Espírito universal. Este enche o universo de razão e de propósito e faz de nós humanos órgãos de sua aparição e comunicação no tempo.

Seja como for, digamos logo no início: essas energias espirituais, essas condensações da profundidade humana, esse arquétipos ancestrais, por mais metafóricos que sejam, nunca perdem sua conexão com certo conteúdo histórico-social. Não são apenas projeções de nosso imaginário sem raízes na realidade. Nem são simples matrizes mentais como tendem a interpretá-los alguns representantes da tradição psicanalítica. Na verdade, são duas coisas. Tais realidades lançam suas raízes nas experiências ancestrais, comunitárias e sócio-políticas da humanidade. Aí se formaram e se estruturaram. E foram depositadas no inconsciente coletivo onde vivem. Por outro lado, elas se atualizam continuamente na medida em que se confrontam com realidades históricas novas. Formam síntese entre a arqueologia exterior (objetividade relacionada) e a arqueologia interior (subjetividade religada). Daí deriva sua alta significação interpretativa e crítica para os dias atuais.

Em termos concretos e não figurativos: o que queremos dizer quando falamos de Júpiter, Terra e Saturno?

A. Terra: a dimensão material e terrenal da existência

Vamos focar primeiramente a terra. O ser humano, nas várias culturas e fases históricas, revelou essa intuição segura: pertencemos à terra; somos filhos da Terra; somos Terra. Daí que homem vem de húmus. Viemos da Terra e a ela voltaremos. A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós. Somos a própria terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Numa palavra: somos a Terra no seu momento de auto-realização e de autoconsciência.

Inicialmente não há, pois, distância entre nós e a Terra. Formamos uma mesma realidade complexa, diversa e única. Foi o que testemunharam os vários astronautas, os primeiros a contemplar a Terra de fora da Terra. Disseram-no enfaticamente: daqui da Lua ou a bordo de nossas naves espaciais não notamos diferença entre a Terra e humanidade, entre negros e brancos, democratas e socialistas, ricos e pobres. Humanidade e terra formamos uma única realidade esplendida, reluzente e, ao mesmo tempo, frágil e cheia de vigor. Essa percepção não é ilusória. É radicalmente verdadeira.

Dito em termos da moderna cosmologia: somos formados com as mesmas energias, com os mesmos elementos físico-químicos, dentro da mesma rede de relações de tudo com tudo que atuam há 15 bilhões de anos, desde que o universo, dentro de uma incomensurável instabilidade (big-bang= inflação e explosão), emergiu na forma que hoje conhecemos. Conhecendo um pouco esta história do universo e da Terra, estamos conhecendo a nós mesmos e a nossa ancestralidade.

1. O teatro cósmico

Cinco grandes atos estruturam o teatro universal no qual somos co-atores

O primeiro é o *cósmico*: irrompeu o universo ainda em processo de expansão; na medida em que se expande, se autocria e se diversifica. Nós estávamos lá nas probabilidades contidas nesse processo.

O segundo é o *químico*: no seio das grandes estrelas vermelhas, os primeiros corpos a se densificar, se formaram há pelo menos 10 bilhões de anos todos os elementos pesados que hoje constituem cada um dos seres, como oxigênio, o carbono, o silício, o nitrogênio entre outros. Com sua explosão, tais elementos se espalharam por todo o espaço e constituíram as galáxias, as estrelas, a Terra, os planetas e os satélites da

atual fase do universo. E esses elementos químicos circulam por todo o nosso corpo, sangue e cérebro.

O terceiro ato é o *biológico*: da matéria que se complexifica e se enrola sobre si mesma, num processo chamado *autopoiese* (autocriação e auto-organização). Irrompeu, há 3,8 bilhões de anos, a vida em todas as suas formas; atravessou profundas dizimações, mas sempre subsistiu e veio até nós em sua incomensurável diversidade.

O quarto é o humano, subcapítulo da história da vida. O princípio de complexidade e de autocriação encontra nos seres humanos imensas possibilidades de expansão. A vida humana floresceu, cerca de 190 milhões de anos atrás na África. A partir daí, difundiu-se por todos os continentes até conquistar os confins mais remotos da Terra. Mostrou grande flexibilidade, adaptou-se a todos os ecossistemas dos mais gélidos nos pólos aos mais tórridos nos trópicos, no solo, no subsolo, no ar e fora de nosso planeta, nas naves espaciais e na Lua. Submeteu as demais espécies, menos a maioria dos vírus e das bactérias. Foi o triunfo perigoso da espécie *homo sapiens e demens*.

Por fim, o quinto ato é o planetário: a humanidade que estava dispersa está voltando à casa comum, ao planeta Terra. Descobre-se como humanidade, com a mesma origem e o mesmo destino de todos os demais seres e da Terra. Sente-se como a mente consciente da Terra, um sujeito coletivo, para além das culturas singulares e dos estados-nações. Através dos meios de comunicação globais, da interdependência de todos com todos, está inaugurando a fase planetária, uma nova etapa de sua evolução. A partir de agora, a história será a história da espécie *homo*, da humanidade unificada e interconectada com tudo e com todos.

Só podemos entender o ser humano-Terra se o conectarmos com todo esse processo universal, nele os elementos materiais e as energias sutis conspiram para que ele lentamente fosse sendo gestado e, finalmente, pudesse nascer.

Certamente não somos o único planeta vivo em nossa galáxia. Presume-se que no universo existam alguns milhões de planetas em condições de ter vida e de serem vivos. Mais ainda. Provavelmente somos apenas um universo ao lado e junto com outros inumeráveis universos. Estaríamos diante de um pluriverso ao invés de um universo. Não estaríamos sós.

Entretanto, o fato de que somos seres inteligentes, implica a convergência de certas condições particulares sem as quais não estaríamos aqui falando disso tudo. Mesmo o surgimento da vida exige a colaboração de certos elementos relativamente pesados como o carbono, o oxigênio, o nitrogênio e o silício. Ora, esses elementos como tais Não existiam no caldo primordial; estavam lá apenas potencialmente. Só os materiais leves, como hidrogênio e o hélio, foram sintetizados no universo originário. Os demais tiveram que esperar bilhões de anos, até o surgimento das grandes estrelas vermelhas, no seio das quais se formaram. Mas nem todos os planetas guardaram os elementos pesados, necessários ao surgimento da vida. Júpiter, Saturno, Urano, e Netuno, por exemplo, são constituídos fundamentalmente de hidrogênio e hélio e assim impróprio para o tipo de vida que conhecemos.

A Terra, nesse contexto, apresenta singularidades surpreendentes. Ela tem uma iluminação solar nem demasiadamente fraca, como Marte, nem demasiadamente forte como Vênus e Mercúrio. É o único planeta que possui grande quantidade de água líquida. Demonstra regularidade de temperatura, ritmos de evolução e suficiente estabilidade para conservar a água em estado líquido, propiciando condições excelentes para o surgimento de seres complexos e vivos. Se a Terra tivesse uma órbita demasiadamente elíptica que nos afastasse e periodicamente nos aproximasse do Sol, ou se pertencesse a uma estrela dupla, dificultaria, quem sabe, ou até impossibilitaria a existência da vida na Terra.

A existência de Gaia e a nossa própria vida estão ligadas inegavelmente ao fato de pertencermos a um sol de luminosidade média, a 150 milhões de km de distância da Terra, situado na periferia de uma galáxia espiral média. O tipo de biosfera existente bem como a estruturação biológica observada nos ecossistemas, só podem desenvolver-se sob determinadas exigências. Concretamente isto significa que nós, seja como Terra, seja como pessoas humanas, embora situados num canto irrisório de nosso sistema galáctico e universal, temos a ver com o todo. O todo conspirou para que nós existíssemos e tivéssemos chegado até aqui.

2. Que significa ser terra?

Que significa concretamente, além de nossa ancestralidade, a nossa dimensão Tellus-Terra?

Em primeiro lugar significa que temos elementos-Terra no corpo, no sangue, no coração, na mente e no espírito. Dessa constatação resulta a consistência de profunda unidade.

Num segundo momento, podemos pensar a Terra. Então, sim, nos distanciamos dela para podermos vê-la melhor. Esse distanciamento não rompe nosso cordão umbilical com ela. Ter esquecido nossa união com a Terra deu origem ao antropocentrismo, na ilusão de que, pelo fato de pensarmos a terra, podermos com justa razão colocar-nos sobre ela para dominá-la e para dispor dela ao nosso bem-prazer.

Por sentir-nos filhos e filhas da Terra, vivenciando-la como Mãe generosa. Ela é um princípio gerativo. Representa o feminino que concebe, gesta, e dá à luz. Emerge assim o arquétipo da terra como Grande Mãe, Pacha Mama e Nana. Da mesma forma que tudo gera e entrega à vida, ela também tudo acolhe e tudo recolhe em seu seio. Ao morrer, voltamos à Mãe-Terra. Regressamos ao seu útero generoso e fecundo. Feng-shui, a filósofa ecológica chinesa que analisaremos mais adiante, apresenta um grandioso sentido da morte como a união ao Tao que se manifesta nas energias da natureza. Durante a vida podemos sintonizar-nos de tal forma como o Tao e com os ritmos da natureza que, na verdade, escapamos da morte definitiva; pela morte mudamos de estado para voltar a viver no mistério profundo da natureza, donde todos os seres vêm e para onde todos voltam.

Sentir que somos Terra nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade para como a Terra, seu frio e calor, sua força às vezes ameaçadora, às vezes encantadora. Sentir a terra é sentir a chuva na pele, a brisa refrescante no rosto, o tufão avassalador em todo o corpo. Sentir a terra é sentir a respiração até às entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam. Sentir a Terra é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local, onde se habita. Habitando, nos fazemos de certa maneira prisioneiros de um lugar, de uma geografia, de um tipo de clima, de regime de chuvas e ventos, de uma maneira de morar e de trabalhar e de fazer histórias. Ser Terra é ser concreto, concretíssimo. Configura o nosso limite. Mas também significa nossa base firme, nosso ponto de contemplação de todo, nossa plataforma para poder alçar vôo para além desta paisagem e deste pedaço de Terra.

Por fim, sentir-se Terra é perceber-se dentro de uma complexa comunidade com seus outros filhos e filhas. A Terra não gera apenas a nós seres humanos. Produz a miríade de microorganismos que compõem 90% de toda a rede da vida, produz os insetos que constituem a biomassa mais importante da biodiversidade de plantas, flores e frutos. Produz a diversidade incontável de animais, nossos companheiros dentro da unidade sagrada da vida, porque em todos estão presentes os 20 aminoácidos que entram na composição da vida. Para todos produz as condições de subsistência, de evolução e de alimentação, no solo, no subsolo, nas águas e no ar. Sentir-se Terra é mergulhar na comunidade terrenal, no mundo dos irmãos e das irmãs, todos filhos e filhas da grande e generosa Mãe, a Terra.

No paleolítico esta percepção de que somos Terra constituiu a experiência-matriz da humanidade. Ela produziu uma espiritualidade e uma política.

Primeiro uma espiritualidade: a começar pela África, há alguns milhares de anos, especialmente a partir do Saara, quando era ainda uma Terra verde, rica e fértil, passando por toda a bacia do Mediterrâneo, pela Índia e pela China, predominavam as divindades femininas, a Grande Mãe Negra e a Mãe-rainha. A espiritualidade era de uma profunda união cósmica e de uma conexão orgânica com todos os elementos como expressões de Todo.

Ao lado desta espiritualidade surgiu, em segundo lugar, uma política: as instituições matriarcais. As mulheres formavam os eixos organizadores da sociedade e da cultura. Surgiram sociedades sacrais, perpassadas de reverência, de enternecimento e de proteção à vida. Até hoje carregamos a memória desta experiência da Terra-Mãe, na forma de arquétipos e de uma insaciável nostalgia por integração, inscrita nos nossos próprios genes. Os arquétipos em nós rememoram um passado histórico real que forceja por ser resgatado e por ganhar ainda vigência na vida atual.

O ser humano precisa refazer essa experiência espiritual de fusão orgânica com a Terra, a fim de recuperar suas raízes e experimentar sua própria identidade radical. Ele precisa ressuscitar também a memória política do feminino para que a dimensão da alma entre na elaboração de políticas com mais equidade entre os sexos e com maior capacidade de integração.

B. Céu: a dimensão espiritual e celestial da existência

O céu é constituído por tudo aquilo que está acima de nossas cabeças: a via-láctea, as miríades de estrelas, as galáxias, numa palavra, o espaço profundo e infinito. Até recentemente se imaginava o céu imutável e eterno. Hoje, com acúmulo de observações astronômicas e com utilização de tecnologias e instrumentos cada vez mais sofisticados, sabemos que o céu teve uma origem e está em permanente expansão. Vejamos rapidamente a história do céu, pois é também nossa história. Nossa dimensão espiritual e transcendente se encontra ancorada na experiência de céu.

Vigora consenso na comunidade científica segundo o qual tudo também o céu, se originou de uma imensa explosão (big bang) 15 bilhões de anos atrás. Inicialmente não havia nem moléculas, nem átomos, nem prótons, nem as quatro interações fundamentais. Havia um caldo informe e concentradíssimo com cerca de 10 bilhões de graus de calor. Sem qualquer porquê, esse ponto densíssimo de energia e de matéria originária inflou e explodiu. Produz luz e calor de intensidade inimaginável. Elementos primordiais foram lançados em todas as direções. Não havia nenhum espaço dentro do qual se desse a expansão. O espaço e o tempo surgiram com a grande explosão, pois foi a expansão que os criou.

Junto com o processo de expansão se deu também o crescente resfriamento. Na medida em que se expandia, criava ordens de seres e relações entre eles cada vez mais complexas e interiorizadas.

Até hoje se pode captar o eco daquela explosão primordial. Ondas de rádio milimétricas (3 graus Kelvin, cerca de 270 graus Celsius negativos) nos chegam, uniformemente, de todas as partes do universo. É um fóssil de uma luminosidade pálida que nos recorda o início de nosso universo há 15 bilhões de anos. O resfriamento do universo pode ser cientificamente medido e atualmente é de três graus absolutos, quer dizer -270 graus Celsius.

Misteriosamente, apenas as quatro energias primordiais - a gravitacional, a eletromagnética, a nuclear fraca e forte - permanecem inalteráveis. Atuam sempre sinergicamente e articuladas entre si. Se houvesse pequeníssimas alterações, a matéria inicial ter-se-ia dispersada e jamais haveria galáxia e estrelas. Ou então continuaria o caos inicial e nunca teriam surgido ordens complexas como as conhecidas, nem nós existiríamos.

Tudo indica que o universo é consciente e possui propósito. Se ele quisesse engendrar harmonia, vida em sua diversidade e seres capazes de sensibilidade, inteligência e amorização como nós humanos, então deveria ter seguido exatamente o curso que seguiu.

Que são estas quatro interações imutáveis, ordenadores de todo o movimento universal, do processo de evolução e de nosso próprio equilíbrio vital? Não sabemos. A ciência certa se cala reverente. Mas a razão simbólica suspeita e crê que se encontra aí a presença do Grande Espírito, de Deus Criador em permanente atividade. Ele expressa sua Grandeza, revela sua Sabedoria e demonstra seu Amor no todo e em cada uma das partes, através da interação conjugada destas quatro energias fundamentais, verdadeiras leis da natureza. Se reconhecermos as leis, por que não reconhecer um supremo Legislador?

Quando nos referimos ao céu, representamos toda essa incomensurável e misteriosa realidade. Ela excede nossas capacidades. Transcende nossas possibilidades de alcançá-la. E, contudo, sempre queremos chegar lá. Nosso desejo quer atravessar os espaços infinitos e alcançar os confins do céu. Seguramente é assim porque guardamos a memória ancestral de nossas origens celestes. Embora enraizada no planeta terra, temos a mente ancorada no céu.

Temos o céu dentro de nós. Ele representa a dimensão celestial de transcendência do ser humano. Sua capacidade de ir além dos limites da Terra. Seu esforço incansável de sempre ascender e subir mais e mais alto. Pode ser interpretado também como a emergência do princípio masculino, ordenador, rasgador de novos horizontes, errante e insaciável em face de tudo o que está ao alcance de sua mão.

Essa experiência urânica (céu) gestou também, à semelhança da experiência telúrica (terra), uma espiritualidade e uma política. Uma espiritualidade de ruptura com as raízes, de abertura infinita, de busca de sempre novas visões. Essa espiritualidade, em sua forma extrema, se estrutura no dualismo: céu-terra, em cima-embaixo, este mundo-outro mundo, desejo-realização. É próprio do masculino fazer esta separação e viver este dualismo. A dualidade existe e revela a complexidade do real. O dualismo é diverso da dualidade. O dualismo considera as coisas separadas, enquanto a dualidade as vê juntas como dimensões da mesma e única realidade. A razão instrumental-analítica supõe esta separação dualista. Inaugura uma divisão, no seu termo falsa, entre o sujeito e

o objeto, o eu e o mundo, o feminino e o masculino. Tenta tornar tudo objeto de desejo, conquista, posse e apropriação. Conflita com a experiência telúrica de conexão vital de tudo com tudo, dentro do grande Todo.

A partir do neolítico começaram a predominar os valores do masculino, fundando uma nova política. Os homens assumiram a hegemonia da sociedade. Instauraram o patriarcado como o submetimento da mulher e a dominação sobre a natureza. A perda da re-ligação de tudo com tudo é fruto da cultura patriarcal que não integrou as contribuições anteriores do matriarcado. Ela subjaz nas nossas principais instituições políticas e religiosas atuais. E mostra seus limites perigosos no descuido com o planeta Terra, na falta de cuidado com a vida em todas as suas formas e no incremento dos conflitos nas relações sociais.

Como buscar uma síntese entre a dimensão céu (Júpiter) e a dimensão terra (Tellus)? Como articular o enraizamento em nossa casa comum, a Terra, com o nosso desejo insaciável pelo infinito, o Céu? Essa é a tensão axial do ser humano, desafio antropológico radical. A evocação de Saturno nos apontará um caminho.

C. *História e utopia: a condição humana fundamental*

A figura mitológica de Saturno representa o arquétipo da síntese, a idade de ouro, a realização da utopia dos remidos e libertos no lar e na pátria da plena identidade. No reino de Saturno, deuses e homens/mulheres conviviam em suprema integração, na justiça, na benquerença e na paz inalterável. É uma utopia. Mas só utopia?

O que constatamos é que o ser humano e a sociedade não podem viver sem uma utopia. Quer dizer, não podem deixar de projetar seus melhores sonhos nem desistir de buscá-los após dia. Se não houvesse utopia, imperariam os interesses menores. Todos se chafurdariam no pântano de uma história sem esperança porque sempre dominada pelos mais fortes. A dimensão-Saturno, a utopia, ao contrário, destila sempre novas perspectivas e funda continuamente mil razões para lutar e para buscar formas melhores de convivência. A utopia é a presença da dimensão-céu dentro da dimensão-terra, nos limites estreitos da existência pessoal e coletiva.

No entanto a utopia pode ser utopista. Se assim fosse, transformar-se-ia em pura fantasia e fuga irresponsável da realidade. Ela deve realizar-se num processo histórico que tente dar corpo ao sonho e construir passo a passo os mil passos que o caminho

exige. A história exige tempo, paciência, espera, superação de obstáculos e trabalho de construção. É a dimensão-terra fazendo suas exigências à existência humana.

O ser humano vive distendido entre a utopia e a história. Ele está no tempo onde as duas se encontram. Não sem razão Saturno expressava também a vigência do tempo com sua soberania. O ser humano constrói a sua existência no tempo. Precisa do tempo para crescer, aprender, madurar, ganhar sabedoria e até para morrer. No tempo vive a tensão entre a utopia que o anima a sempre olhar para cima e para frente e a história real que obriga a buscar mediações, dar passos concretos e olhar com atenção para o caminho e sua direção, suas bifurcações e empecilhos, suas ciladas e chances.

É na história, construída na força da utopia, que se elabora a síntese entre as exigências da terra e os imperativos do céu. É na história que se cria a oportunidade de uma experiência total de conexão com o Todo (princípio feminino) e ao mesmo tempo de continua abertura rumo ao infinito (princípio masculino). Em última instância somos um projeto infinito. E o infinito desequilibra qualquer síntese. Ele nos obriga a compreender nossa condição de sistema aberto, apto a novas incorporações e capaz de sempre novas sintetizações.

Como tornar possível essa síntese entre céu-terra/ utopia-história? Como mantê-la viva, fecunda e sempre atraente? É aqui que invocamos o cuidado. A fábula-mito de Higino nos encima pela boca do deus Saturno que o cuidado acompanha o ser humano enquanto peregrinar pelo tempo. O cuidado é o caminho histórico-utópico da síntese possível à nossa finitude. Por isso é ethos fundamental, a chave decifradora do humano e de suas virtualidades.

VII Natureza do cuidado

Acabamos de atravessar as experiências humanas axiais escondidas por debaixo da fábula-mito de Higino, com seus respectivos conceitos básicos. Deixamos para trás a figura do cuidado. Agora é tempo de aprofundarmos sua natureza. Em Higino ele não é visto como uma divindade, mas como uma personificação de um modo-de-ser fundamental. Personificação equivale a uma divinização no sentido que temos dado às divindades mitológicas, pois expressam dimensões radicais do humano.

Importa fazer a fenomenologia do cuidado. Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda a nossa prática. Nesse sentido não se trata de pensar e falar sobre o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica* que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos.

Em *Ser e Tempo*, Martin Heidegger (1889-1976), por excelência o filósofo do cuidado, mostrou que realidades tão fundamentais como o querer e o desejar se encontram enraizados no cuidado essencial. Somente a partir da dimensão do cuidado elas emergem como realizações do humano, O cuidado é “uma constituição ontológica* sempre subjacente “a tudo o que o ser humano empreende, projeta e

89

faz...; cuidado subministra preliminarmente o solo em que se move toda interpretação do ser humano”. Por “constituição ontológica” Heidegger entende aquilo que entra na definição essencial do ser humano e estrutura a sua prática. Quando fala do cuidado como “o solo em que se move toda a interpretação do ser humano” sinaliza que o cuidado é o fundamento para qualquer interpretação do ser humano. Se não nos basearmos no cuidado, não lograremos compreender o ser humano. E o que viemos afirmando ao largo e ao longo de toda a nossa reflexão e que agora cabe desdobrar.

1. A filologia da palavra cuidado

Talvez uma primeira abordagem do sentido central de cuidado se encontre na sua filologia. Como os filósofos nos advertem, as palavras estão grávidas de significados

existenciais. Nelas os seres humanos acumularam infindáveis experiências, positivas e negativas, experiências de busca, de encontro, de certeza, de perplexidade e de mergulho no Ser. Precisamos desentranhar das palavras sua riqueza escondida. Normalmente as palavras nascem dentro de um nicho de sentido originário e a partir daí se desdobram outras significações afins. Assim parece ser com a origem da palavra cuidado.

Segundo clássicos dicionários de filologia^{1**}, alguns estudiosos derivam cuidado do latim cura. Esta palavra é um sinônimo erudito de cuidado, usada na tradução de Ser e Tempo de Martin Heidegger. Em sua

forma mais antiga, cura em latim se escrevia coera e era usada num contexto de relações de amor e de amizade. Expressava a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pela pessoa amada ou por um objeto de estimação.

Outros derivam cuidado de cogitare-cogitatus e de sua corruptela coyedai; coidar cuidar O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura:

cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.

Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude. Conhecemos nas línguas latinas a expressão “cura d’almas” para designar o sacerdote ou o pastor cuja missão reside em cuidar do bem espiritual das pessoas e acompanhá-las

¹ Para a filologia da palavra cuidado é útil consultar as seguintes fontes: “Cura”, em Thesaurus Linguae Latinae vol. 4, Leipzig 1909, col. 1451-1476; Paulys Reakncyclopediae der classischen Altertumswissenschaft vol. 8, Stuttgart 1901, col. 1773; A. Ernout e A. Meillet, Dictionnaire Ethymologique de la Langue Latine, Paris 1939, 245-246; “cuidado”, Caldas Aulete, Dicionário C’ontemporâneo da lín’ua portuguesa, Edições Deita, Rio de Janeiro 1985; Antenor Nascentes, Dicionário Etimológico resumido, Instituto Nacional do Livro, Rio de janeiro 1966; Antônio Geraldo da Cunha, Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa, Nova Fronteira, Rio de janeiro 1991.

em sua trajetória religiosa. Tal diligência se faz com cuidado e esprito definese como convém às coisas espirituais.

A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade. Assim, por exemplo, dizemos: “essa criança é todo o meu cuidado (preocupação)”. O Padre Antônio Vieira, clássico de nossa língua, escreve: “estes são, amigo, todos os meus cuidados (minhas inquietações)”. Um antigo adágio rezava: “quem tem cuidados não dorme”. Os latinos conheciam a expressão “dolor amoris” (dor de amor) para expressar a cura, a inquietação e o cuidado para com a pessoa amada. Ou ainda: “entreguei meu filho aos cuidados do diretor da escola” (coloquei-o sob sua responsabilidade).

Por sua própria natureza, cuidado inclui pois duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira, a atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda, de preo

90

cupação e de inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.

Com razão, o grande poeta latino Horácio (65-8 aC) podia finalmente observar: “o cuidado é o permanente companheiro do ser humano”. Quer dizer: o cuidado sempre acompanha o ser humano porque este nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém (primeiro sentido), nem deixará de se preocupar e de se inquietar pela pessoa amada (segundo sentido). Se assim não fora, não se sentiria envolvido com ela e mostraria negligência e incúria por sua vida e destino. No limite, revelaria indiferença que é a morte do amor e do cuidado.

2. Dois modos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado

Os dois significados básicos colhidos da filologia nos confirmam a idéia de que o cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. E um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-friundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas.

Quando dizemos ser-no-mundo não expressamos uma determinação geográfica como estar na natureza, junto com plantas, animais e outros seres humanos. Isso pode estar incluído, mas a compreensão de ser-no-mundo é algo mais abrangente. Significa uma forma de ex-istir e de co-existir; de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.

Fundamentalmente há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado. Aí emerge o processo de construção da realidade humana.

a) O modo-de-ser-trabalho

O modo-de-ser-no-mundo pelo trabalho se dá na forma de inter-ação e de intervenção. O ser humano não vive numa sesta biológica com a natureza. Pelo contrário, inter-age com ela, procura conhecer suas leis e ritmos e nela intervém para tornar sua vida mais cômoda. E pelo trabalho que faz tudo isso. Pelo trabalho constrói o seu “habitat”, adapta o meio ao seu desejo e conforma seu desejo ao meio. Pelo trabalho prolonga a evolução e introduz realidades que, possivelmente, a evolução jamais iria produzir, como um edifício, uma cidade, um automóvel, uma rede de comunicação por rádio e televisão. Pelo trabalho co-pilota o processo evolutivo, fazendo com que a natureza e a sociedade com suas organizações, sistemas e aparatos tecnológicos entrem em simbiose e co-evoluam juntas.

De certa forma, o trabalho está presente no dinamismo da própria natureza. Uma planta ou um animal também trabalham na medida em que inter-agem com o meio, trocam informações, se mostram flexíveis e se adaptam em vista à sobrevivência. No ser humano, porém, o trabalho se transforma em modo-de-ser consciente e assume o caráter de um projeto e de uma estratégia com suas táticas de plasmação de si mesmo e da natureza.

Primitivamente o trabalho era mais inter-ação do que intervenção, pois o ser humano tinha veneração diante da natureza. Somente utilizava aquilo que precisava para sobreviver e tornar mais segura e prazerosa a existência.

O processo de intervenção na natureza começou a partir do honzo

habjljs entre 2 a 1,6 milhões de anos atrás, quando então se inventou

o instrumento. Tornou-se uma constante a partir do homo sapiens, do qual nós descendemos diretamente, há cerca de 150 mil anos. Instituiu-se como um processo orgânico a partir do neolítico, há cerca de

10 mil anos, quando o ser humano se pôs a construir casas e vilas e a

93

domesticar plantas e animais, processo esse que culminou com a tecnociência de nossos dias.

Foi pelo trabalho que os seres humanos formaram as culturas como modelação de si mesmos e da natureza. Abriu-se assim o caminho para a vontade de poder e de dominação sobre a natureza. Ela se reforçou quando o ser humano se sentiu desafiado pelos obstáculos que encontrava. Aumentou sua agressividade e exasperou sua indústria e ingênio. Começou a utilizar a razão instrumental-analítica, que é mais eficaz para intervir com profundidade na natureza. Este tipo de razão exige “objetividade”, impõe um certo distanciamento da realidade a fim de estudá-la como a um objeto para acumular experiências e dela assenhorear-se.

Cumprе enfatizar que os “objetos” não são objetos em si. São feitos objetos pela razão, pois ela os isola de seu meio, os separa de outros companheiros de existência e os usa para seus interesses. A “objetividade” é uma projeção da razão. Os ditos “objetos”, na verdade, são sujeitos que têm história, acumulam e trocam informações e pertencem à comunidade cósmica e terrenal.

Na medida em que foi avançando neste af objetivista e coisificador; o ser humano criou os aparatos que lhe dispensaram o desgaste das energias e aumentaram as potencialidades de seus sentidos. Hoje, mais e mais o trabalho é feito por máquinas, computadores, autômatos e robôs que substituem, em grande parte, a força de trabalho humano. Surge o que se convencionou chamar cibionte*: o superorganismo híbrido, feito de seres humanos, máquinas e redes de informação. Destarte se forma a articulação do biológico, do mecânico e do eletrônico que constituem a base de nossas sociedades atuais.

A lógica do ser-no-mundo no modo de trabalho configura o situar-se sobre as coisas para dominá-las e colocá-las a serviço dos interesses pessoais e coletivos. No centro de tudo se coloca o ser humano, dando origem ao antropocentrismo. O antropocentrismo

94

instaura uma atitude centrada no ser humano e as coisas têm sentido somente na medida em que a ele se ordenam e satisfazem seus desejos. Nega a relativa autonomia que elas possuem. Mais ainda, olvida a conexão que o próprio ser humano guarda, quer queira quer não, com a natureza e com todas as realidades, por ser parte do todo. Por fim, ignora que o sujeito derradeiro da vida, da sensibilidade, da inteligibilidade e da amorização não somos, em primeiro lugar nós, mas o próprio universo, a Terra. Ela manifesta sua capacidade de sentir, de pensar, de amar e de venerar por nós e em nós. O antropocentrismo desconhece todas estas imbricações.

Essa atitude de trabalho-poder sobre o mundo corporifica a dimensão do masculino no homem e na mulher. É a dimensão que compartimenta a realidade para melhor conhecê-la e subjugar-la; usa de poder e até de agressão para alcançar seus objetivos utilitaristas; lança-se para fora de si na aventura do conhecimento e da conquista de todos os espaços da Terra e, nos dias de hoje, do espaço exterior e celeste. Ele começou a predominar a partir do neolítico e atualmente chegou ao seu ponto culminante na ocupação e hominização de todo o planeta.

b) O modo-de-ser-cuidado

O outro modo de ser-no-mundo se realiza pelo cuidado. O cuidado não se opõe ao trabalho mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade fontal. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se ao pé das coisas, junto delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com todos os outros. A relação não é de domínio sobre, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão.

Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão analítico-instrumental abre caminho para a razão cordial, o espírito defní nesse, o espírito de delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo Logos* razão, mas pelo pathos* sentimento.

Este modo de ser-no-mundo, na forma de cuidado, permite ao ser humano viver a experiência fundamental do valor daquilo que tem importância e definitivamente conta. Não do valor utilitarista, só para o seu uso, mas do valor intrínseco às coisas. A partir desse valor substantivo emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade.

Todos nos sentimos ligados e re-ligados uns com os outros, formando um todo orgânico único, diverso e sempre includente. Esse todo remete a um derradeiro Elo que tudo re-liga, sustenta e dinamiza. Irrompe como Valor supremo que em tudo se vela e se re-vela. Esse Valor supremo tem o caráter de Mistério, no sentido de sempre se anunciar e ao mesmo tempo se recolher. Esse Mistério não mete medo, fascina e atrai como um sol. Deixa-se experimentar como um grande Utero acolhedor que nos realiza supremamente. E chamado também Deus.

No modo de ser-cuidado ocorrem resistências e emergem perplexidades. Mas elas são superadas pela paciência perseverante. No lugar da agressividade, há a convivência amorosa. Em vez da dominação, há a companhia afetuosa, ao lado e junto com o outro.

O modo-de-ser-cuidado revela a dimensão do feminino no homem e na mulher. O feminino esteve sempre presente na história. Mas no paleolítico ganhou visibilidade histórica quando as culturas eram matrifocais* e vivia-se uma fusão com a natureza. As pessoas sentiam-se incorporadas no todo. Eram sociedades marcadas pelo profundo sentido do sagrado do universo e pela reverência face à misteriosidade da vida e

da Terra. As mulheres detinham a hegemonia histórico-social e davam ao feminino uma expressão tão profunda que ficou na memória permanente da humanidade através de grandes símbolos, sonhos e arquétipos presentes na cultura e no inconsciente coletivo.

3. A ditadura do modo-de-ser-trabalho

O grande desafio para o ser humano é combinar trabalho com cuidado. Eles não se opõem, mas se compõem. Limitam-se mutuamente e ao mesmo tempo se complementam. Juntos constituem a integralidade da experiência humana, por um lado, ligada à materialidade e, por outro, à espiritualidade. O equívoco consiste em opor uma dimensão à outra e não vê-las como modos-de-ser do único e mesmo ser humano.

Desde a mais remota antiguidade, assistimos a um drama de perversas conseqüências: a ruptura entre trabalho e cuidado. Pelo menos desde o neolítico, há dez mil anos, lentamente começou a predominar o trabalho como busca frenética de eficácia, como afã nervoso de produção e ânsia incontida de subjugação da Terra. Os últimos séculos, entretanto, especialmente a partir do processo industrialista do século XVIII, se caracterizaram pela ditadura do modo-de-ser-trabalho como intervenção, produção e dominação. O trabalho não é mais relacionado com a natureza (modelação), mas com o capital (confronto capital-trabalho, analisado por Marx e Engeis). O trabalho agora é trabalho assalariado e não atividade de plasmação da natureza. As pessoas vivem escravizadas pelas estruturas do trabalho produtivo, racionalizado, objetivado e despersonalizado, submetidas à lógica da máquina.

Um fino analista colombiano, Luiz Carlos Restrepo, diz, com razão, que todos nos fizemos herdeiros de Alexandre, o Grande (336- 323 aC), o arquétipo do guerreiro e do conquistador. Ora, a ideologia latente no modo-de-ser-trabalho-dominação é a conquista do outro,

97

do mundo, da natureza, na forma do submetimento puro e simples. Esse modo de ser mata a ternura, liquida o cuidado e fere a essência humana.

Por isso, a ditadura do modo-de-ser-trabalho-dominação masculinizou as relações, abriu espaço para o antropocentrismo, o androcentrismo*, o patriarcalismo e o

machismo. Estamos às voltas com expressões patológicas do masculino desconectado do feminino, o animus* sobreposto à anirna*.

O cuidado foi difamado como feminilização das práticas humanas, como empecilho à objetividade na compreensão e como obstáculo à eficácia.

A ditadura do modo-de-ser-trabalho-dominação está atualmente conduzindo a humanidade a um impasse crucial: ou pomos limites à voracidade produtivista associando trabalho e cuidado, ou vamos ao encontro do pior. Pela exasperação do trabalho produtivo se exauriram recursos não renováveis da natureza e se quebraram os equilíbrios físico-químicos da Terra. A sociabilidade entre os humanos se rompeu pela dominação de povos sobre outros e pela luta renhida das classes. Não se vê outra coisa no ser humano senão sua força de trabalho a ser vendida e explorada ou sua capacidade de produção e de consumo. Mais e mais pessoas, na verdade 2/3 da humanidade, são condenadas a uma vida sem qualquer sustentabilidade. Perdeu-se a visão do ser humano como ser-de-relações ilimitadas, ser de criatividade, de ternura, de cuidado, de espiritualidade, portador de um projeto sagrado e infinito.

O modo-de-ser-no-mundo exclusivamente como trabalho pode destruir o planeta. Daí a urgência atual de resgatar o modo-de-ser- cuidado, como seu corretivo indispensável. Então pode surgir o cibionte*, aquele ser que entra em simbiose com a máquina, não para submeter-se a ela mas para melhorar sua vida e seu ambiente.

98

4. O resgate do modo-de-ser-cuidado

O resgate do cuidado não se faz às custas do trabalho e sim mediante uma forma diferente de entender e de realizar o trabalho. Para isso o ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo e descobrir seu modo-de-ser-cuidado.

Retomamos a reflexão sobre a natureza do cuidado essencial. A porta de entrada não pode ser a razão calculatória, analítica e objetivista. Ela nos levaria ao trabalho-intervenção-produção e aí nos aprisionaria. As máquinas e os computadores são mais eficazes que nós na utilização deste tipo de razão-trabalho.

Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas, surgido há milhões de anos no processo evolutivo quando emergiram os mamíferos, dentro de cuja espécie nos inscrevemos: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado.

Um computador e um robô não têm condições de cuidar do meio ambiente, de chorar sobre as desgraças dos outros e de rejubilar-se com a alegria do amigo. Um computador não tem coração.

Só nós humanos podemos sentar-nos à mesa com o amigo frustrado, colocar-lhe a mão no ombro, tomar com ele um copo de cerveja e trazer-lhe consolação e esperança. Construimos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros. A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos.

Daí se evidencia que o dado originário não é o logos*, a razão e as estruturas de compreensão, mas o pathos, o sentimento, a capacidade de simpatia e empatia, a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. Tudo começa com o sentimento. E o sentimento que nos

99

faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar.

É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas.

É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido.

Recordemos a frase do Pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupér que fez fortuna na consciência coletiva dos milhões de leitores: “E com o coração (sentimento) que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”. É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um

sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente.

A reflexão contemporânea resgatou a centralidade do sentimento, a importância da ternura, da compaixão e do cuidado, especialmente a partir da psicologia profunda de Freud, Jung, Adler, Rogers e Hillman, e hodiernamente a partir da biologia genética e das implicações antropológicas da física quântica à la Niels Bohr (1885-1962) e à la Werner Heisenberg (1901-1976).

Mais do que o cartesiano cogito ergo sum: penso, logo existo, vale o sentio ergo sum: sinto, logo existo. O livro de Daniel Goleman, *Inteligência Emocional*, transformou-se num best-seller mundial porque, à base de investigações empíricas sobre o cérebro e a neurologia, mostrou aquilo que já Platão (427-347 aC), Santo Agostinho (354-430), a escola franciscana medieval com 5. Boaventura e Duns Scotus no século XIII, Pascal (1623-1662), Schleiermacher (1768-1834) e Heidegger (1889-1976) ensinaram há muito tempo: a dinâmica básica do ser humano é o pathos*, é o sentimento, é o cuidado, é a lógica do coração. “A mente racional” — conclui Goleman — “leva um ou dois momentos mais para registrar e reagir do que a mente emocional; o primeiro impulso... é do coração, não da cabeça”.

100

Agora estamos em melhores condições para entender, em profundidade, a fábula-mito de Higino* sobre o cuidado. O cuidado é tão essencial que é anterior ao espírito infundido por Júpiter e ao corpo fornecido pela Terra. Portanto, a concepção do ser humano como composto de espírito-corpo não é originária. A fábula diz: “o Cuidado foi quem primeiro moldou o ser humano”. O cuidado se encontra antes, é um apriori ontológico*, está na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. A origem tem um sentido filosófico de fonte donde brota permanentemente o ser. Portanto, significa que o cuidado constitui, na existência humana, uma energia que jorra ininterruptamente em cada momento e circunstância. Cuidado é aquela força originante que continuamente faz surgir o ser humano. Sem ela,

ele continuaria sendo apenas uma porção de argila como qualquer outra à margem do rio, ou um espírito angelical desencarnado e fora do tempo histórico.

Foi com cuidado que “Cuidado” moldou o ser humano. Empenhou aí dedicação, ternura, devoção, sentimento e coração. E com isso criou responsabilidades e fez surgir a preocupação com o ser que ele plasmou. Essas dimensões, verdadeiros princípios constituintes, entraram na composição do ser humano. Viraram carne e sangue. Sem tais dimensões, o ser humano jamais seria humano. Por isso, a fábula-mito de Higinio termina enfatizando que cuidado acompanhará o ser humano ao largo de toda a sua vida, ao longo de todo o seu percurso temporal no mundo.

Um psicanalista atento ao drama da civilização moderna como o norte-americano Rollo May podia comentar: “Nossa situação é a seguinte: na atual confusão de episódios racionalistas e técnicos perdemos de vista e nos despreocupamos do ser humano; precisamos agora voltar humildemente ao simples cuidado...; é o mito do cuidado — e creio, muitas vezes, somente ele — que nos permite resistir ao cinismo e à apatia que são as doenças psicológicas do nosso tempo”.

101

O que nossa civilização precisa é superar a ditadura do modo-de-ser-trabalho-produção-dominação. Ela nos mantém reféns de uma lógica que hoje se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, das relações entre os povos, das interações entre capital e trabalho, da espiritualidade e de nosso sentido de pertença a um destino comum. Libertados dos trabalhos estafantes e desumanizadores, agora feitos pelas máquinas automáticas, recuperaríamos o trabalho em seu sentido antropológico originário, como plasmação da natureza e como atividade criativa, trabalho capaz de realizar o ser humano e de construir sentidos cada vez mais integradores com a dinâmica da natureza e do universo.

Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão anima* que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos e não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.

Dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa recusar-se a todo despotismo e a toda dominação. Significa impor limites à obsessão pela eficácia a qualquer custo. Significa derrubar a ditadura da racionalidade fria e abstrata para dar lugar ao cuidado. Significa organizar o trabalho em sintonia com a natureza, seus ritmos e suas indicações. Significa respeitar a comunhão que todas as coisas entretêm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu habitat e possa manter as condições de desenvolver-se e co-evoluir* junto com seus ecossistemas* e com a própria Terra. Significa captar a presença do Espírito para além de nossos limites

102

humanos, no universo, nas plantas, nos organismos vivos, nos grandes símios gorilas, chimpanzés e orangotangos, portadores também de sentimentos, de linguagem e de hábitos culturais semelhantes aos nossos.

Estes são os antídotos ao sentimento de abandono que os pobres e os idosos sentem. Estas são as medicinas contra o descuido que os excluídos, os desempregados, os aposentados, os idosos e os jovens denunciam na maioria das instituições públicas. Elas se preocupam cada vez menos com o ser humano e se ocupam cada vez mais com a economia, com as bolsas, com os juros, com o crescimento ilimitado de bens e serviços materiais, apropriados pelas classes privilegiadas à custa da dignidade e da com-paixão necessárias face às carências das grandes maiorias. Este é o remédio que poderá impedir a devastação da biosfera* e o comprometimento do frágil equilíbrio de Gaia*. Este é o modo-de-ser que resgata a nossa humanidade mais essencial.

Bibliografia para aprofundamento

Boff, L., O princípio-Terra. Volta à pátria comum, Ática, 5. Paulo 1995. Boff, L., O destino do homem e do mundo, Petrópolis, Vozes 1976.

Boff, L., O rosto materno de Deus. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas, Petrópolis, Vozes 1995.

Buytendijk, J.F.F., *Lafemme, ses modes d'être, de paraître et d'exister*, Desclée de Brouwer, Paris 1967, todo um capítulo dedicado ao cuidado, p. 249s.

Capra, F., *O Tao da física*, 5. Paulo, Cultrix 1990.

Carotenuto, A., *Eros e Pathos*, Paulus, 5. Paulo 1994.

Cardoso et alii, *Os sentidos da paixão*, Companhia das Letras, 5. Paulo 1998.

103

Cavalieri, P e Singer, P (Orgs.), *El proyecto "Gran Simeo"—La igualdad más allá de la humanidad*, Trotta, Madrid 1998.

Chardin, P de, *Ofenômeno humano*, S. Paulo, Cultrix 1988. Crespo, J., *História do corpo*, Rio de Janeiro, Bertrand 1990.

Demo, P, *Conhecimento moderno. Sobre ética e intervenção do conhecimento*, Editora Vozes, Petrópolis 1998.

Demo, P, *Ciência, ideologia e poder* Atlas, S. Paulo 1996.

Duve, Ch. de, *Poeira vital. A vida como imperativo cósmico*, S. Paulo, Companhia das Letras 1997.

Gadamer, H.-G., *A razão na época da ciência*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

Giddens, A., *A transformação da intimidade — Sexualidade, amor erotismo nas sociedades modernas*, Editora UNES1 S. Paulo 1993.

Goleman, D., *Inteligência emocional*, Editora Objetiva, Rio de Janeiro 1995.

Gutiérrez, R., *O feminismo é um humanismo*, Rio de Janeiro, NobelAntares 1985.

Habermas, J., *Conhecimento e interesse*, Zahar, Rio de Janeiro 1982. Heidegger, M., *Ser e Tempo*, Parte 1, tradução de Márcia de Sá Cavalcante, Editora Vozes, Petrópolis 1989, todo o sexto capítulo, dedicado à cura-cuidado, parágrafos 39-44, p. 243-300.

Imbasciati, A., *Afeto e representação*, Editora 34, S. Paulo 1998.

Leonard, G., Educação e êxtase, Summus Editorial, Rio de Janeiro 1988.

May, R., Eros e Repressão, Amor e Vontade, Vozes, Petrópolis 1973, p. 3 18-340.

May, R., A coragem de criar, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1982. Matos, L., Corpo e mente, Petrópolis, Vozes 1994.

104

Maturana, H. e Varela, F., A árvore do conhecimento. As bases biológicas do entendimento humano, Psy II, Campinas 1995.

Maturana, H. e Varela, F., De máquinas e seres vivos. Autopoiese — a organização do vivo, Artes Médicas, Porto Alegre 1977.

Maturana, H., A ontologia da realidade, Editora da UFMG, Belo Horizonte 1997.

Miranda, R.L., Além da inteligência emocional, Campus, Rio de Janeiro 1998.

Muraro, R.M., A mulher no terceiro milênio, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos 1992.

Neumann, E., História da orçem da consciência, S. Paulo, Cultrix 1990. Noveilo, M., O círculo do tempo, Rio de Janeiro, Campus 1997.

Oliveira, A.B., A unidade perdida homem-universo. Uma visão aberta da physis no fim do milênio, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo 1989.

Paris, G., Meditações pagãs. O mundo de Afrodite, Ártemis e Héstia, Petrópolis, Vozes 1994.

Paulon, E., John Bowlby num encontro de Ciência e Ternura, Arte e Cultura, Niterói 1991.

Restrepo, L.C., O direito à ternura, Vozes, Petrópolis 1998.

Rosnay, J. de, O homem simbiótico. Perspectivas para o terceiro milênio, Vozes, Petrópolis 1997.

Sagan, C., Pálido ponto azul, S. Paulo, Companhia das Letras 1996.

Schnittman, D.F. (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, Artes Médicas, Porto Alegre 1996.

Sj5õ, M. e Mor, B., *The Great Cosmic Mother Rediscovering the Region of the Earth*, Harper, San Francisco 1991.

Smart, J.J.C., *Nosso lugar no universo: uma questão de espaço-tempo*, Siciliano, S. Paulo 1991.

Spindeldreier, Frei A., *Feminilidade*, na revista *Grande Sinal* 40 (1970) 83-92.

Touraine, A., *Crítica da Modernidade*, Vozes, Petrópolis 1994.

Susin, L.C., *O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas*, Vozes, Petrópolis 1984.

Unger, N.M., *O encantamento do humano*, S. Paulo, Loyola 1991.

Vattimo, G., *Ofim da modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, Martins Fontes, Rio de Janeiro 1997.

Woolger, J.B., *A deusa interior*, São Paulo, Cultrix 1997.

VIII. Ressonâncias do cuidado

O cuidado como modo-de ser perpassa toda existência humana e possui ressonâncias em diversas atitudes importantes. Através dele as dimensões de céu (transcendência) e as dimensões de terra (imanência) buscam seu equilíbrio e co-existência. Realiza-se também no reino dos seres vivos, pois toda vida precisa de cuidado, caso contrário adoece e morre. Basta citar o exemplo do Tucunaré, um de dos nossos peixes mais apreciados. Pai e mãe têm imenso cuidado com seus filhotes (elevinos). Fazem o ninho escavando um buraco no fundo do rio e circulam sempre ao redor para protegê-los. Quando ensaiam sair do ninho, os acompanham com cuidado e os alertam contra a

dispersão. Ao mínimo risco os filhotes voltam todos juntos ao ninho guiados pelos pais. Os retardatários são recolhidos cuidadosamente dentro da boca dos pais e devolvidos ao grupo.

Vamos inventariar algumas das muitas ressonâncias do cuidado. Trata-se de conceitos afins que se desentranham do cuidado e o traduzem em distintas concreções. Privilegiamos estas sete: o amor como fenômeno biológico, a justa medida, a ternura, a carícia, a cordialidade, a hospitalidade, a cortesia e a gentileza. Mas elas estarão implícitas nas que abordaremos.

O amor como fenômeno biológico

Amor é uma das palavras mais desgastadas de nossa linguagem. E como fenômeno inter-pessoal, um dos mais desmoralizados. Abordaremos o tema do amor na ótica fecunda de um dos maiores biólogos contemporâneos, o chileno Humberto Maturana. Em suas reflexões o amor é contemplado como um fenômeno biológico. Ele se dá dentro do dinamismo da vida, desde a suas realizações mais primárias, de bilhões e bilhões de anos atrás, até as mais complexas no nível humano. Vejamos como se introduz o amor no universo.

Na natureza se verificam dois tipos de acoplamento dos seres com seu meio, um necessário e outro espontâneo. O primeiro, o necessário, faz com todos os seres estejam interconectados uns a outros e acoplados aos respectivos ecossistemas como garantia para a sobrevivência. Mas há um outro acoplamento que se realiza por puro prazer, no fluir de seu viver. Trata-se de encaixes dinâmicos e recíprocos entre os seres vivos e os sistemas orgânicos. Não há justificativas para eles. Acontecem porque acontecem. É um evento original da vida em sua pura gratuidade.

Quando um acolhe o outro e assim se realiza a co-existência, surge o amor como fenômeno biológico. Ele tende a expandir-se e a ganhar formas mais complexas. Uma destas formas é a humana. Ela é mais que simplesmente espontânea como no demais seres vivos, é feita projeto da liberdade que acolhe conscientemente o outro e cria condições para que o amor se instaure como o mais alto valor da vida.

Nessa deriva surge o amor ampliado que é a socialização. O amor é o fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele. Em outras palavras, é o amor que dá origem à sociedade; a sociedade existe porque existe o amor e não ao contrário, como convencionalmente se acredita. Se falta o amor (o fundamento) destrói-se o social. Se, não obstante, o social persistir, ganha a forma de agregação forçada, de dominação e de

violência de uns contra outros, coagidos a encaixar-se. Por isso sempre que se destrói o encaixe e a congruência entre seres, destrói-se o amor, com isso a socialidade. O amor é sempre uma abertura ao outro e uma con-vivência e co-munhão com o outro.

Não foi a luta pela sobrevivência do mais forte que garantiu a persistência da vida e dos indivíduos até os dias de hoje, mas a cooperação e a co-existência entre eles. Os homínídeos, de milhões de anos atrás, passaram a ser humanos na medida em que mais e mais partilhavam entre si os resultados da coleta e da caça e compatilhavam seus afetos. A própria linguagem que caracteriza o ser humano surgiu no interior deste dinamismo de amor e de partilha.

A competição, enfatiza Maturana, é anti-social, hoje e outrora, porque implica a negação do outro, a recusa da partilha e do amor. A sociedade moderna neoliberal, especialmente o mercado, se assenta na competição. Por isso é excludente, inumana e faz tantas vítimas. Essa lógica impede que seja portadora de felicidade e de futuro para a humanidade e para a Terra.

Como se caracteriza o amor humano? Responde Maturana: “o que é especialmente humano no amor não é o amor, mas o que fazemos no amor enquanto humanos...; é a nossa maneira particular de viver juntos como seres sociais na linguagem...; sem amor nós não somos seres sociais”.

O amor é um fenômeno cósmico e biológico. Ao chegar ao nível humano, ele se revela como a grande força de agregação, de simpatia, de solidariedade. As pessoas se unem e recriam pela linguagem amorosa o sentimento de benquerença e de pertença a um mesmo destino e a uma mesma caminhada histórica.

Sem o cuidado essencial, o encaixe do amor não ocorre, não se conserva, não se expande nem permite a consorciação entre os seres. Sem o cuidado não há atmosfera que propicie o florescimento daquilo que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do amor.

A regra do ouro: a justa medida

No capítulo anterior nos confrontamos com a questão da justa medida entre o modo-de-ser-trabalho e o modo-de-ser-cuidado. Havíamos constatado o profundo desequilíbrio da cultura mundializada sob a ditadura do modo-de-ser-trabalho. A questão é: quanto de cuidado devemos incorporar para resgatar o equilíbrio perdido? Eis uma questão fundamental para a teoria e a prática.

Façamos uma primeira constatação: o sentido da medida é encontrado em muitos campos que vão da geometria à religião. Mas é especialmente no campo da ética que a justa medida assume uma importância axial. Trata-se de encontrar o ótimo relativo, o equilíbrio entre o mais e o menos.

Por um lado, a medida é sentida negativamente como limite às nossas pretensões. Daí nasce a vontade e até o prazer de ultrapassar o limite e de violar o proibido. Por outro, é sentida positivamente como a capacidade de usar, de forma moderada, potencialidades naturais, sociais e pessoais para que mais possam durar e reproduzir-se. Isso só é possível quando se estabelece um certo equilíbrio e uma justa medida. A justa medida se alcança pelo reconhecimento realista, pela aceitação humilde e pela ótima utilização dos limites, conferindo sustentabilidade a todos os fenômenos e processos, à Terra, às sociedades e às pessoas.

Especialmente forte é esta busca nas culturas da bacia mediterrânea, particularmente entre os egípcios, gregos latinos e hebreus. Diz-se até que é o espaço da cultura da medida e também das desmedida porque lá foram elaboradas as ideologias mais excessivas e as guerras sem qualquer conexão. Essa busca é preocupação central no budismo e na filosofia ecológica do Feng-shui chinês. Para todas o símbolo era a balança e as respectivas divindades femininas, tutoras do equilíbrio.

A busca da medida está cercada de questões espinhosas que não devem ser escomoteadas como:

-qual é a medida justa?

-quem estabelece a medida justa?

-a partir de que fonte de conhecimento se estabelece a medida justa?

-a medida não depende sempre das culturas, das situações históricas diferentes, da subjetividade humana pessoal e coletiva?

-quem é responsável pela observância da medida justa estabelecida?

Não pretendemos responder a cada uma dessas questões. Isso nos levaria longe. Mas tentaremos uma reflexão que minimamente as englobe.

Muitos foram os caminhos seguidos para fundar uma justa medida. Geralmente se apoiavam numa única pilastra: ou unicamente das ciências empíricas; ou somente da sabedoria dos povos; ou unicamente das religiões; ou somente da revelação divina contida nos textos sagrados da tradição judaico-cristã, dos Upanishad, do taoísmo.

Hoje mais e mais estamos convencidos de que nada pode ser reduzido a uma única causa (monocausalidade) ou a um único fator. Pois nada é linear e simples. Tudo é complexo e vem urdido de inter-retrorelações e de redes de inclusões. Por isso precisamos articular aquelas várias pilastras. Elas sustentam uma ponte que poderá levar-nos a soluções mais integradas. Pois todas elas trazem alguma luz e comunicam alguma verdade. Sabedoria é ver cada porção dentro de um todo articulado qual bela figura de mosaico composta de milhares de pastilhas e deslumbrante bordado feito de mil fios coloridos.

Medida justa e natureza

Por natureza entendemos o conjunto dos seres orgânicos e inorgânicos, as energias e os campos energéticos e morfogenéticos que existem organizados em sistemas dentro de outros sistemas maiores, sejam ou não afetados pela intervenção humana, constituindo um todo orgânico, dinâmico e em busca de um equilíbrio. O ser humano é parte e parcela da natureza e entretém com ela uma sofisticada rede de relações, fazendo com que ele co-polote o processo de evolução junto com as forças diretivas da Terra.

A natureza é uma realidade tão complexa e vasta que não poder ser apanhada por nenhuma definição. O que é a natureza em si permanece um mistério é o ser e o nada. O que possuímos são discursos culturais sobre a natureza: dos antigos, do hinduísmo na Índia, do taoísmo na China, do zen-budismo no Japão, da ciência copernicana, da mecânica quântica, da teoria dos sistemas abertos, da biologia genética e molecular, da nova cosmologia baseada nas ciências da Terra. Nossa compreensão muito deve a estas tradições, especialmente à última vertente. Em função de cada compreensão decide-se que tipo de natureza deve ser preservada.

Quando contemplamos a natureza, a despeito das expressões caóticas e da intrincadíssima complexidade, salta logo aos olhos uma medida imanente que resulta não das partes tomadas isoladamente, mas do todo orgânico e vivo. Há harmonia e equilíbrio. Ela não é biocentro, centrada só na vida, mas no equilíbrio dinâmico entre a vida e morte.

Para os contemporâneos a natureza resulta de um imenso processo de evolução que vai além do modelo de Charles Darwin (1809-1882) que fundamentalmente a restringia à biosfera. A compreensão atual –chamada de teoria da evolução sintética –entende a evolução como uma teoria universal: a partir do big bang tudo no universo está em evolução. Esse processo não é linear mas dá saltos, conhece flutuações e bifurcações.

Não só expande mas cria possibilidades novas. Significa que as leis naturais não possuem caráter determinístico mas probabilístico.

Os conhecimentos da termodinâmica nos sinalizam que a vida e qualquer novidade no universo surge a partir de certa distância e de certa ruptura do equilíbrio. Essa ausência de medida, embora momentânea, provoca a auto-organização (autopoiese) que cria uma nova estabilidade e um novo equilíbrio dinâmico. É dinâmico porque continuamente se refaz, não pela reprodução do equilíbrio anterior, mas pela criação de um novo, mediante o diálogo com o meio e uma nova adaptação. A lógica da natureza em processo evolutivo é esta: organização-quebra do equilíbrio-desorganização-nova relação-novo equilíbrio-nova organização. E assim permanentemente.

Não significa que a natureza não possua uma medida (leis da natureza); ela possui uma medida não estática e mecânica, mas dinâmica e flutuante, caracterizada por constâncias e variações. Há fases de ruptura para logo em seguida gerar nova regularidade. O clima da Terra por exemplo, que já tem 3,8 bilhões de anos, passou por turbulências e terríveis desvatações. A Terra foi quase duas vezes mais quente que hoje, mas a pesar disso, mostrou ao longo do tempo bilionário um incrível equilíbrio dinâmico que tem favorecido benevolmente todas as formas de vida.

A natureza vista como um todo não impõe prescrições. Aponta para tendências e regularidades que podem ir em várias direções. Cabe ao ser humano desenvolver uma sensibilidade tal que lhe permita captar essas tendências e tomar suas decisões. A natureza não o dispensa de decidir e de exercer a sua liberdade. Só então ele mostra um ser ético.

Esse espaço de intervenção e criação do ser humano consciente e responsável é um dado da natureza. Assim como ela continuamente busca, faz e refaz dinamicamente medida, da mesma forma deve o ser humano buscar a justa medida. Não de uma vez por todas, mas sempre em atenção ao que está ocorrendo na natureza, na história e nele mesmo. A medida justa muda. O que não muda, é a permanente busca da justa medida.

Há de se considerar ainda o processo global que mostra uma seta do tempo apontando sempre para frente e para cima, processo que quanto mais avança, menos se auto-copia, menos clonagem faz e mais diversidades apresenta. As medidas variam, mas cada medida encontrada serve a um propósito superior de levar mais avante a seta da evolução.

Medida justa e pathos

Como o ser humano capta essa medida multidimensionalmente da natureza? Não basta o saber racional, nem a vontade obediente de identificar regularidades, dispensando a criatividade humana e o exercício da liberdade, próprias do ser humano. Importa desenvolver uma atitude atenta de escuta, um sentimento profundo de identificação com a natureza, com suas mudanças e estabilidades. O ser humano precisa sentir-se natureza. Quanto mais mergulha nela, mais sente quando deve mudar e quando deve conservar em sua vida e em suas relações.

Os povos indígenas nos dão o melhor exemplo de como escutar a natureza. Por uma afinidade profunda com ela, com os solos, as chuvas, as nuvens, os ventos, as águas, as plantas e os animais sabem, de golpe, o que vai acontecer e que atitude tomar. Estão tão unidos à Terra como seus filhos e filhas, como a própria Terra falante e pensante, que captam, imediatamente, o que vai ocorrer na natureza. Ou melhor, a natureza fala com eles e por eles.

Investigações feitas em grandes centros metropolitanos europeus e norte-americanos constataram que um aumento de conhecimentos acerca da crise ecológica e das feridas da Terra não leva necessariamente a uma transformação nas atitudes de mais respeito e de mais veneração para com ela. O que é imprescindível não é o saber, afirmam, mas o sentir. Quanto mais uma pessoa sofre com a degradação do meio ambiente, se indigna com o sofrimento dos animais e se revolta contra a destruição da mancha verde da Terra, mais desenvolve novas atitudes de compaixão, de entendimento, de proteção da natureza e uma espiritualidade cósmica.

Novamente encontramos aqui o pathos, sentimento profundo, na raiz do novo paradigma de convivência com a Terra. Dessa ausculta da Terra e da paixão por ela, nasce o cuidado essencial. Sem essa escuta cuidadosa não ouviremos a grande voz da Terra a convidar-nos para a sinergia, a compaixão, a co-existência pacífica com todos os seres.

Essa atitude é exigida, por exemplo, no âmbito da biotecnologia, um dos campos mais avançados da ciência. Qual a justa medida na intervenção no código genético humano? Ela não se encontra escrita em nenhum lugar. O ser humano precisa estabelecer-se a partir de uma profunda sensibilidade e comunhão com a própria vida. Se ele entrar no seu laboratório de experimentação genética com quem entra num templo e operar os processos como quem faz uma liturgia -pois a vida é misteriosa e sagrada e demanda tais atitudes de reverência- sentirá, mais do que simplesmente saberá, o que pode ou não

fazer. É o sentir carregado de cuidado, de responsabilidade e de compaixão. A partir desse pathos se torna absurdo querer subodinar o novo conhecimento genético à obtenção de lucros, como se a vida fosse uma simples mercadoria colocada no balcão de compras e vendas.

A atitude de sentir com cuidado deve transformar-se em cultura e demanda um processo pedagógico para além da escola formal que atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e de conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive.

Como reza tão bem o salmo (119,19), sentimos.nos “hóspedes nesta Terra”, hóspedes respeitosos do hospedeiro Terra. E deixamos a Casa Comum sempre em ordem para outros hóspedes que vierem depois de nós.

A ternura vital

A ternura vital é sinônimo de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois mostra-se como inteligência que intui, vê fundo e estabelece comunhão. A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a auto-realização da pessoa. Ela não é efeminação e renúncia de vigor no conhecimento. É um afeto que, à sua maneira também conhece. Na verdade só conhecemos bem quando nutrimos afeto e nos sentimos envolvidos com aquilo que queremos conhecer. A ternura pode e deve conviver com o extremo empenho por uma causa, como foi exemplarmente demonstrado pelo revolucionário Che Guevara (1928-1968). Dele guardamos a sentença inspiradora: “hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás”.

A ternura emrege do próprio ato de existir no mundo com os outros. Não existimos, co-existimos, co-vivemos e co-mungamos com as realidades mais imediatas. Sentimos nossa ligação fundamental como a totalidade do mundo. Esse sentimento é mais do que uma moção psicológica, é um modo de ser existencial que perpassa todo o ser. A concentração no sentimento gera o sentimentalismo. O sentimentalismo é um produto da subjetividade mal integrada. É o sujeito que se dobra sobre si mesmo e celebra as suas sensações. Ao contrário, a ternura irrompe quando o sujeito se descentra de si mesmo, sai na direção do outro, sente o outro como outro, participa de sua existência, deixa-se tocar pela sua história de vida. O outro marca o sujeito. Este demora-se no

outro não pelas sensações que lhe produz, mas por amor, pelo apreço de sua diferença e pela valorização de sua vida e luta.

A relação de ternura envolve angústia porque é livre de busca de vantagens e de dominação. O enternecimento é a força própria do coração, é o desejo profundo de compartilhar caminhos. A angústia do outro é minha angústia, seu sucesso é meu sucesso e sua salvação ou perdição é minha salvação e perdição, não só minha mas de todos os seres humanos.

Blaise Pascal (1623-1662), filósofo e matemático francês do século XVII, introduziu uma distinção importante para nos ajudar a entender o cuidado e a ternura: o *esprit de finesse* e o *esprit de géométrie*.

O *esprit de finesse* é o espírito de finura, de sensibilidade, de cuidado e de ternura. O espírito não só pensa e raciocina. Vai além e acrescenta sensibilidade, intuição e capacidade de união ao raciocínio e ao pensamento. Do espírito de finura nasce o mundo das excelências, das grandes significações, dos valores e dos compromissos para os quais vale dispendar energias e tempo.

O *esprit de géométrie* é o espírito calculatório e obreirista, interessado na eficácia e no poder. É o modo-de-ser que imperou na modernidade. Ele colocou num canto, sob muitas suspeitas, tudo o que tem a ver com o afeto, o enternecimento e o cuidado essencial. Daí deriva também o vazio aterrador de nossa cultura “geométrica” com sua pletora de sensações mas sem experiências profundas; com um acúmulo fantástico de saber mas com parca sabedoria, com demasiado vigor da musculação, do sexualismo, dos artefatos de destruição mostrados nos serial killer mas sem ternura e cuidado para com a Terra, para com seus filhos e filhas, para com o futuro comum de todos.

A carícia essencial

A carícia constitui uma das expressões máximas do cuidado. Por que dizemos carícia essencial? Porque queremos distingui-la da carícia como pura excitação psicológica, em função de uma benquerença fugaz e sem história. A carícia-excitação não envolve o todo da pessoa. A carícia é essencial quando se transforma numa atitude, num modo de ser que qualifica a pessoa em sua totalidade, na psique, no pensamento, na vontade, na interioridade, nas relações que estabelece.

O órgão da carícia é fundamentalmente, a mão: a mão que toca, a mão que afaga, a mão que estabelece relação, a mão que acalenta, a mão que traz quietude. Mas a mão revela um modo-de-ser carinhoso. A carícia toca o profundo do ser humano, lá onde se situa

seu centro pessoal. Para que a carícia seja verdadeiramente essencial precisamos afagar o eu profundo e não apenas o ego superficial da consciência.

A carícia nasce do encontro, do repouso, da integração e da confiança. Daí o sentido do afago. Ao acariciar a criança, a mãe lhe comunica a experiência mais orientadora que existe: a confiança fundamental na bondade da realidade e do universo; a confiança de que, no fundo, tudo tem sentido; a confiança de que a paz e não o conflito é a palavra derradeira; a confiança na acolhida e não na exclusão do grande Útero.

Como a ternura, a carícia exige total altruísmo, respeito pelo outro e renúncia a qualquer outra intenção que não seja a da experiência de querer bem e de amar. Não é roçar de peles, mas um investimento de carinho e de amor através da mão e da pele.

O afeto não existe sem carícia, a ternura e o cuidado. Assim como a estrela precisa de aura para brilhar, assim o afeto precisa da carícia para sobreviver. É a carícia da pele, do cabelo, das mãos, do rosto, dos ombros, da intimidade sexual que confere concretude ao afeto e ao amor. É a qualidade da carícia que impede o afeto de ser mentiroso, falso ou dúbio. A carícia essencial é leve como entreabrir suave a porta. Jamais há carícia na violência de arrombar portas e janelas, de dizer, na invasão da intimidade da pessoa.

Disse com precisão o psiquiatra colombiano Luís Carlos Restrepo: “A mão, órgão humano por excelência, serve tanto para cariciar como para agarrar. Mão que agarra e mão que acarícia são duas facetas extremas das possibilidades de encontro inter-humano”. No contexto de nossa reflexão, a mão que agarra corporifica o modo-de-ser trabalho. Agarrar é a expressão do poder sobre, da manipulação, do enquadramento do outro ou das coisas ao meu modo de ser. A mão que acarícia representa o modo-de-ser cuidado, pois “a carícia é uma mão revestida de paciência que toca sem ferir e solta para permitir a mobilidade do ser com quem entramos em contacto”.

A cordialidade fundamental

A justa medida, a ternura vital, a carícia essencial e a cordialidade fundamental são qualidades existentes, quer dizer, formas de estruturação do ser humano naquilo que o faz humano. O cuidado, com a corte de suas ressonâncias, é o artesanato de nossa humanidade. Isso vale também para a cordialidade, tão mal interpretada na cultura brasileira desde que foi introduzida como categoria de análise sociológica no final dos anos 30.

Normalmente ela é tomada como expressão da emotividade no sentido psicológico, em contraposição à racionalidade. Diz-se que o brasileiro é cordial. E o é de fato. Coloca

nas coisas mais coração que lógica. Mas cuidado! O coração-emotividade pode produzir tanto o fino trato, o senso da hospitalidade, a ezuberância contida do prazer,. Como os rompantes de violência e os ódios profundos característicos de certas famílias do Nordeste canavieiro. Essas contradições se mostram mais nas elites nacionais do que nas camadas populares, pois elas historicamente “caparam e recaparam, sangraram e ressangraram o povo brasileiro” (Capitrano de Abreu).

Quando falamos de cordialidade como ressonância do cuidado pensamos em outra direção. Vemos o coração como uma dimensão do espírito de finura, como a capacidade de captar a dimensão de valor presente nas pessoas e nas coisas. O decisivo não são os fatos. Mas o que os fatos produzem de significações em nós, enriquecendo-nos e transformando-nos. Aquí surge a dimensão de valor daquilo que conta, pesa e definitivamente nos interessa. O valor transforma os fatos em símbolos e em sacramentos. Deixam de ser fatos simplesmente ocorridos e passados, mas se tornam portadores de evocação de significado e de memória.

Ora é próprio do coração captar a dimensão axiológica, valorativa do Ser em sua totalidade e em suas significações nos entes concretos. Cordialidade significa então aquele modo de ser que descobre um coração palpitando em cada coisa, em cada pedra, em cada estrela e em cada pessoa. É aquela atitude tão bem retratada pelo Pequeno Príncipe: “só se vê bem com o coração”. O coração consegue ver além dos fatos; vê seu encadeamento com a totalidade; discerne significações e descobre valores. A cordialidade supõe a capacidade de sentir o coração do outro e o coração secreto de todas as coisas. A pessoa cordial ausculta, cola o ouvido à realidade, presta atenção e põe cuidado em todas as coisas.

Na América Latina, foi a cultura náhuatl dos astecas do México que conferiu especial significado ao coração. A definição de ser humano não é, como entre nós, a de um animal racional, mas a de “dono de um rosto e de um coração”. O rosto identifica e distingue o ser humano de outros seres humanos. Pelo rosto o ser humano se relaciona eticamente com o outro. Nosso rosto fica estampado se o acolhemos, se dele desconfiamos, se o excluímos. O coração, por sua vez, define o modo-de-ser e o caráter da pessoa, o princípio vital donde provêm todas as suas ações.

A educação refinada dos astecas, conservadas em belíssimos textos, visava formar nos jovens um rosto claro, bondadoso e sem sombras, aliado a um coração firme e caloroso, determinado e hospitaleiro, solidário e respeitoso das coisas sagradas. Segundo eles, era

do coração que nascia a religião que utilizava “ a flor e o canto” para venerar suas divindades. Colocavam coração em todas as coisas que faziam. Essa cordialidade passava às obras de arte que criavam. O grande pintor renascentista alemão, Albrecht Dürer, ao contemplar, em 1520, objetos de arte astecas doados ao imperador Carlos V por Hernan Cortés, deixou consignado em seu diário este testemunho:”Em toda a minha vida não vi nada que haja alegrado tanto meu coração como estas coisas. Nelas encontrei objetos maravilhosamente artísticos e me admirei da genialidade sutil dos homens destas terras estranhas”. Era a ressonância do cuidado e da compaixão expressando-se nos objetos de arte astecas.

A convivialidade necessária

Acolitando a cordialidade, vem a convivialidade. A convivialidade, como conceito, foi posto em circulação por Ivam Illich, um dos grandes profetas latino-americanos. Nascido em Viena em 1926, trabalhou na América Latina ou com os latinos nos EUA. Através da convivialidade, tentou responder a duas crises da atualidade, intimamente interligadas: a crise do processo industrialista e a crise ecológica.

Vejamos em primeiro lugar a crise do processo industrialista. A relação do ser humano sobre o instrumento se tornou uma relação do instrumento sobre o ser humano. Criado para substituir o escravo, o instrumento tecnológico acabou por escravizar o ser humano ao visar a produção em massa. Fez surgir uma sociedade de aparatos, mas sem alma. A produção industrial vigente não combina com a fantasia e a criatividade dos trabalhadores. Deles só quer utilizar a força de trabalho, muscular ou intelectual. Quando incentiva a criatividade, é em vista da qualidade total do produto que beneficia mais a empresa do que o trabalhador.

Entretanto, constitui um sinal dos tempos o fato de muitos empresários tomarem consciência desta distorção e se confrontarem diretamente com a desumanização da sociedade industrial. Muitos começam a colocar na agenda da empresa a discussão sobre o novo paradigma da re-ligação, a subjetividade, a espiritualidade e as relações de cooperação e de sinergia entre todos, empresários e trabalhadores.

O que se entende por convivialidade? Entende-se a capacidade de fazer conviver as dimensões de produção e de cuidado, de efetividade e de compaixão; a modelagem cuidadosa de tudo o que produzimos, usando a criatividade, a liberdade e a fantasia; a patidão para manter o equilíbrio multidimensional entra a sociedade e a natureza, reforçando o sentido de mútua pertença.

A convivialidade visa combinar o valor técnico da produção material com o valor ético da produção social e espiritual. Depois de termos elaborado a economia dos bens materiais, importa desenvolver, urgentemente, a economia das qualidades humanas. O grande capital, infinito e inesgotável, não é porventura o ser humano?

Os valores humanos da sensibilidade, do cuidado, da convivialidade e da veneração podem impor limites à voracidade do poder-dominância e à produção-exploração.

Em segundo lugar, convivialidade se entende como uma derradeira resposta à crise ecológica, produzida pelo processo industrialista dos últimos quatro séculos. O processo irresponsável de depredação do ambiente pode provocar uma dramática devastação do sistema-Terra e de todas as organizações que o gerenciam.

Esse cenário não de forma nenhuma improvável. Ele ocorreu antes, com a derrocada da bolsa de Wall Street em 1929. Naquela ocasião era apenas uma crise parcial do sistema capitalista. Agora se trata de uma crise do sistema global. Num contexto de ruptura generalizada, a primeira reação do sistema imperante será certamente aumentar o controle planetário e usar violência massiva para garantir a manutenção do processo produtivo e do sistema financeiro. Tal diligência, em vez de aliviar a crise, a radicalizará por causa do crescimento do desemprego tecnológico e da ineficácia das políticas de integração das vítimas dentro da única sociedade mundial.

Segundo Illich, a crise pode transformar-se em catástrofe de dimensões apocalípticas. Mas pode ser também uma chance única para definir um uso convivial dos instrumentos tecnológicos a serviço da preservação do planeta, do bem-estar da humanidade e da cooperação entre os povos.

Para se chegar a esse novo patamar, provavelmente a humanidade deverá passar por uma sexta-feira santa sinistra, que precipitará no abismo a ditadura do modo-de-ser trabalho-produção-material. Só então poderá haver um domingo de ressurreição, a reconstrução da sociedade mundial sobre a base do cuidado.

O primeiro parágrafo do novo pacto social entre os povos sobreviventes definirá o estabelecimento sagrado da auto-limitação e a obrigação de viver sob a justa medida, no cuidado para com a herança que recebemos do universo, na ternura essencial para com os humanos e no respeito pelos outros seres da criação. A produção será convivial, pois garantirá o suficiente para entender as necessidades humanas e o adequado para realizar projetos solidários. O ser humano terá aprendido a usar os instrumentos tecnológicos

como meios e não como fins; terá aprendido a con-viver com todas as coisas como seus irmãos e irmãs, sabendo tratá-las com reverência e respeito.

Quando esse evento bem-aventurado ocorrer, ter-se-á inaugurado o novo milênio como a vigência de um novo paradigma de civilização, mais propício à vida, na justiça e na fraternura entre todos.

A compaixão radical

Esta última irradiação do cuidado –a compaixão radical- representa a contribuição maior que o budismo ofereceu à humanidade. Ele é considerada a virtude pessoal de Buda, cujo nome real era Siddharta Gautama que viveu entre o VI-V século antes de nossa era. A compaixão se insere dentro da experiência básica do budismo, articulando dois movimentos deferentes mas complementares: o desapego total do mundo, mediante a ascese e o cuidado com o mundo, mediante a compaixão. Pelo desapego, o ser humano se liberta da escravidão do desejo de posse e de acumulação. Pelo cuidado, se re-liga ao mundo afetivamente, responsabilizando-se por ele.

A com-paixão não é um sentimento menor de “piedade” para com quem sofre. Não é a passiva mas altamente ativa. Com-paixão, como a filologia latina da palavra o sugere, é a capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro. Trata-se de sair de seu próprio círculo e entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele.

Em primeiro lugar, essa atitude leva à renúncia de dominar e, no limite, de matar qualquer ser vivo, recusando toda violência contra a natureza. Em segundo, procura construir a comunhão a partir dos que mais sofrem e mais são penalizados. Somente começando pelos últimos é que se abre a porta para uma sociedade realmente integradora e incluyente. A filosofia chinesa do Feng-shui, como veremos, propõe uma forma cuidadosa de tratar a natureza e de organizar ecologicamente os jardins e a casa humana.

No hinduísmo temos a “ahimsa” que corresponde à com-paixão budista. É a atitude de não-violência, pela qual se procura evitar qualquer sofrimento ou constrangimento a outros seres. Muitos textos sagrados hindus ensinam a tratar todos os seres com o mesmo cuidado e a mesma reverência com que tratamos nossas crianças. Gandhi foi o gênio moderno da “ahimsa”.

A tradição do tao conhece um conceito semelhante, o “wu wei”. Trata-se de uma virtude ativa: harmonizar-se com a medida de cada coisa, deixar ser e não interferir. Ao

renunciar às coisas, lutando contra nossa vontade de possuir, exercemos o “wu wei”, quer dizer, entramos em comunhão com as coisas, captamos sua dança e juntos dançamos.

O judeo-cristianismo conhece a “rahamim”, a misericórdia. Em hebraico “rahamim” significa ter entranhas e com elas sentir a realidade do outro, especialmente de quem sofre. Significa portanto, consentir mais do que entender e mostrar capacidade de identificação e com-paixão com o outro. A misericórdia é considerada a característica básica da experiência espiritual de Jesus de Nazaré. Ele experimentou e anunciou um Deus Pai cuja misericórdia não tem limites: “dá o sol e a chuva a justos e injustos” e não deixa de “amar os ingratos e maus”. Ele é o Deus misericordioso com o filho pródigo, com a ovelha tresmalhada, com a pecadora pública. É um Pai com características de Mãe. Ele mesmo mostra misericórdia com aqueles que o levaram à cruz.

O salmo 103 expressa muito bem a centralidade divina da misericórdia: “O Senhor é rico em misericórdia, não está sempre acusando nem guarda rancor para sempre; como um pai sente compaixão pelos filhos e filhas porque Ele conhece nossa natureza e se lembra de que somos pó; a misericórdia do Senhor é desde sempre para sempre” (versículos 8-17).

No momento supremo, quando tudo se decidir, seremos julgados pelo mínimo de compaixão e de misericórdia que tivermos tido com os famintos, os sedentos, os nus e os encarcerados (Mateus 25, 36.41). Esse critério da com-paixão é idêntico entre os cristãos, egípcios e tibetanos, amplamente retratado nos seus respectivos livros sagrados.

Concluindo: essas ressonâncias, entre outras, são eco do cuidado essencial. Trata-se de vozes diferentes cantando a mesma cantilena. É o amor, a justa medida, a ternura, a carícia, a cordialidade, a convivialidade e a compaixão que garantem a humanidade dos seres humanos. Através desses modos-de-ser, os humanos continuamente realizam sua autopoiese, vale dizer sua autoconstrução histórica. Simultaneamente constroem a Terra e preservam as tribos da Terra com suas culturas, seus valores, seus sonhos e suas tradições espirituais.

IX Concretizações do cuidado

Depois de termos delineado o perfil do modo-de-ser-cuidado, importa mostrar como se concretiza em diferentes instâncias. Começaremos pelas mais gerais para chegarmos às mais singulares.

Cuidado com o nosso único planeta

Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra. Temos unicamente ele para viver e morar. É um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de milhões e milhões de anos. Por causa do assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos esse equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia. Desde o começo da industrialização, no século XVIII, a população mundial cresceu 8 vezes, consumindo mais e mais recursos naturais; somente a produção, baseada na exploração da natureza, cresceu mais de cem vezes. O agravamento deste quadro com a mundialização do acelerado processo produtivo faz aumentar a ameaça e, conseqüentemente, a necessidade de um cuidado especial com o futuro da Terra.

Parca é a consciência coletiva que pesa sobre o nosso belo planeta. Os que poderiam conscientizar a humanidade desfrutam gaiamente a viagem em seu Titanic de ilusões. Mal sabem que podemos ir ao encontro de um iceberg ecológico que fará afundar celeremente.

Trágico é o fato de que faltam instâncias de gerenciamento global dos problemas da Terra. A ONU possui cerca de 40 projetos que tratam de problemas globais, como os climas, o desflorestamento, a contaminação do ar, dos solos e das águas, a fome, as epidemias, os problemas dos jovens, dos idosos, as migrações, entre outros. Ela é regida pelo velho paradigma das nações e os blocos de poder mas não descobriram ainda a Terra como objeto de cuidado, de uma política coletiva de salvação terrenal.

Para cuidar do planeta precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e rever nossos hábitos de consumo. Importa desenvolver uma ética do cuidado.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) elaboram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida sob o título: “Cuidando do planeta Terra” (Caring for the Earth 1991). Aí estabelecem nove princípios de sustentabilidade da Terra. Projetam uma estratégia global fundada no cuidado:

1. Construir uma sociedade sustentável.
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.

3. Melhorar a qualidade da vida humana.
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do planeta Terra.
5. Permanecer nos limites da capacidade de suporte do planeta Terra.
6. Modificar atitudes e práticas pessoais
7. Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio-ambiente.
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação.
9. Constituir uma aliança global.

Estes princípios dão corpo ao cuidado essencial com a Terra. O cuidado essencial é a ética de um planeta sustentável. Bem enfatizava o citado documento Cuidando do planeta Terra: “a ética de cuidados se aplica tanto a nível internacional como a níveis nacional e individual; nenhuma nação é auto-suficiente; todos lucrarão com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la”. Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro e de esperança.

Cuidado com o próprio nicho ecológico

O cuidado com a Terra representa o global. O cuidado com o próprio nicho ecológico representa o local. O ser humano tem os pés no chão (local) e a cabeça aberta para o infinito, abismo e estrelas, local e global. A lógica do coração é a capacidade de encontrar a justa medida e construir o equilíbrio dinâmico.

Para isso cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura. Precisa conhecer os irmãos e irmãs que compartilham da mesma atmosfera, da mesma paisagem, do mesmo solo, dos mesmos mananciais, das mesmas fontes de nutrientes; precisa conhecer o tipo de plantas, animais e microorganismos que convivem naquele nicho ecológico comum; precisa conhecer a história daquelas paisagens, visitar aqueles rios e montanhas, frequentar aquelas cascatas e cavernas; precisa conhecer a história das populações que aí viveram sua saga e construíram ou depredaram, quem são seus poetas e sábios, heróis e heroínas, santos e santas, os pais/mães fundadores de civilização local. Tudo isso significa cuidar do próprio nicho ecológico, vivenciá-lo com o coração, como o seu próprio corpo estendido e prolongado; descobrir as razões para conservá-lo e fazê-lo desenvolver, obedecendo à dinâmica do ecossistema nativo.

O que vale para o indivíduo vala também para a comunidade local. Ela deve fazer o mesmo percurso de inserção no ecossistema local e cuidar do meio-ambiente; utilizar seus recursos de forma frugal, minimizar desgastes, reciclar materiais, conservar a biodiversidade. Deve conhecer a sua história, seus personagens principais, seu folclore. Deve cuidar de sua cidade, de seus hospitais e igrejas, de seus teatros, cinemas e estádios de esporte, de seus monumentos e da memória coletiva do povo. Assim, como exemplo, escolher as espécies vegetais do ecossistema local para plantar nos parques e vias públicas, e nos restaurantes valorizar a cozinha local e regional.

Esse cuidado como o nicho ecológico só será efetivo se houver um processo coletivo de educação, em que a maioria participe, tenha acesso a informações e faça "troca de saberes". O saber popular contido nas tradições dos velhos, nas lendas e nas histórias dos índios, caboclos, negros, mestiços, imigrantes, dos primeiros que aí viveram, confrontando e complementando com o saber crítico científico. Esses saberes revelam dimensões da realidade local e são portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e a ser incorporado por todos. O que daí resulta é uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa.

Cuidado com a sociedade sustentável

Atualmente quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. E não poderia ser diferente, pois estão assentadas sobre o modo de ser do trabalho entendido com dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. À exceção de sociedades originárias como aquelas dos indígenas e de outras minorias no sudeste da Ásia, da Oceania e do Ártico, todas são reféns de um tipo de desenvolvimento que apenas atende as necessidades de uma parte da humanidade (países industrializados), deixando os demais na carência, quando não diretamente na fome e na miséria. Somos uma espécie que se mostrou capaz de oprimir e massacrar seus próprios irmãos e irmãs da forma mais cruel e sem piedade. Só neste século morreram em guerra, em massacres e em campos de concentração cerca de 200 milhões de pessoas. E ainda degenera e destrói sua base de recursos naturais não renováveis.

Não se trata somente de impor "Limites ao Crescimento" (título da primeira solução apresentada em 1972 pelo Clube de Roma) mas de mudar o tipo de desenvolvimento.

Diz-se que o novo desenvolvimento deve ser sustentável. Ora, não existe desenvolvimento em si, mas sim uma sociedade que opta pelo desenvolvimento que quer e que precisa. Dever-se-ia falar de sociedade sustentável ou de desenvolvimento verdadeiramente integral.

Sustentável é a sociedade ou o planeta que produz o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional, ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão. Na prática a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com os equilíbrios ecológicos funcione dentro dos limites impostos pela natureza. Não significa voltar ao passado, mas oferecer um novo enfoque para o futuro comum. Não se trata simplesmente de não consumir, mas de consumir responsabilmente.

O móvel deste tipo de desenvolvimento não está na mercadoria, nem no mercado, nem no estado, nem no setor privado, nem na produção de riqueza. Mas na pessoa humana, na comunidade e nos demais seres vivos que partilham com ela a aventura terrenal.

O desenvolvimento aqui vem concebido dentro de outro paradigma, já assinalado por certos setores da ONU. Numa conhecida declaração sobre o Direito dos Povos ao Desenvolvimento, de 18 de outubro de 1993, declarou a Comissão dos Direitos Humanos da ONU: "O desenvolvimento é um processo econômico, social, cultural e político abrangente, que visa o constante melhoramento do bem-estar de toda a população e de cada pessoa, na base de sua participação ativa, livre e significativa e na justa distribuição dos benefícios resultantes dele". Nós acrescentaríamos ainda, no sentido da integralidade, a dimensão psicológica e espiritual do ser humano.

Dito em termos simples, o desenvolvimento social visa melhorar a qualidade da vida humana enquanto humana. Isso implica em valores universais como vida saudável e longa, educação, participação política, democracia social e participativa e não apenas representativa, garantia de respeito aos direitos humanos e de proteção contra a violência, condições para uma adequada expressão simbólica e espiritual. Tais valores somente se lançam se há um cuidado na construção coletiva social, se há convivialidade entre as diferenças, cordialidade nas relações sociais, compaixão com todos aqueles que sofrem ou se sentem à margem, criando estratégias de compensação e de integração. Cuidando especial merecem os doentes, os idosos, os portadores de

algum estigma social, os marginalizados e excluídos. Por eles se mede o quanto de sustentabilidade e de cuidado essencial realizou e realiza uma sociedade. Além disso, importante é cultivar compreensão, paciência histórica, capacidade de diálogo e sentido de integração criativa com referência ao lado dia-bólico e demente da história humana. Tais valores se incluem no cuidado essencial.

Cuidado com o outro, animus e anima

Não há só a rede de relações sociais. Existem as pessoas concretas homens e mulheres. Como humanos as pessoas são seres falantes; pela fala constroem o mundo com suas relações. Por isso, o ser humano é, na essência, alguém de relações ilimitadas. O eu somente se constitui mediante a dialogação com o tu, como o viram psicólogos modernos e, anteriormente, filósofos personalistas. O tu possui uma anterioridade sobre o eu. O tu é o parceiro do eu.

Mas o tu não qualquer coisa indefinida. É concretamente um rosto com olhar e fisionomia. O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto e o olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nasce assim a res-ponsa-bilidade diante do rosto do outro, particularmente do mais outro que é o oprimido. É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou de cooperação.

Cuidar do outro é zelar para esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de harmonização.

O outro se dá sempre sob a forma de homem e de mulher. São diferentes mas se encontram no mesmo clã comum da humanidade. Ambos realizam, em seu modo singular, a essência humana, abissal e misteriosa. A diferença entre eles não é algo fechado e definido, mas algo sempre aberto e plasmável, pois se encontram em permanente inter-ação e reciprocidade.

Na linguagem cunhada por C.G. Jung cada um possui dentro de si o animus (a dimensão do masculino) e a anima (a dimensão do feminino). O homem desperta na mulher sua dimensão masculina expressa culturalmente pelo modo-de-ser-trabalho; a mulher evoca no homem sua dimensão feminina, concretizada historicamente pelo modo-de-ser-cuidado. Cuidar do outro animus-anima implica um esforço ingente de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo e o machismo, por um lado, e o matriarcalismo e o feminino excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação

das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana. Essa convergência na diversidade cria espaço para uma experiência mais global e integrada de nossa própria humanidade, uma maneira mais cuidada de ser.

Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos

Um dos maiores desafios lançados à política orientada pela ética e ao modo-de-ser-cuidado é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos de nossas sociedades. Esse antifenômeno resulta de formas altamente injustas da organização social hoje mundialmente integrada. Com efeito, graças aos avanços tecnológicos, nas últimas décadas verificou-se um crescimento fantástico na produção de serviços e bens materiais, entretanto, desumanamente distribuídos, fazendo com que 2/3 da humanidade viva em grande pobreza. Nada agride mais o modo-de-ser-cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes.

Como tratar esses condenados e ofendidos da Terra? A resposta a esta pergunta divide, de cima a baixo, as políticas públicas, as tradições humanísticas, as religiões e as igrejas cristãs. Cresce mais e mais a convicção de que as estratégias meramente assistenciais e paternalistas não resolvem como nunca resolveram os problemas dos pobres e dos excluídos. Antes, perpetua-se, pois os mantêm na condição de dependentes e de esmoleres, humilhando-os pelo não reconhecimento de sua força de transformação da sociedade.

A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constitui e ainda constitui a marca registrada dos grupos sociais e das igrejas que puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles que não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com ele e na perspectiva deles empenhar-se por transformações sociais profundas.

O compromisso dos oprimidos e de seus aliados por um novo tipo de sociedade, na qual se supera a exploração do ser humano e a espoliação da Terra, revela a força política da dimensão-cuidado.

Qual é o móvel último subjacente aos movimentos dos sem-terra, dos sem-teto, dos privados de direitos sociais, dos meninos e meninas de rua, dos idosos, dos povos da floresta, entre outros, senão o cuidado com a vida humana? É o cuidado e o enternecimento pela inalienável dignidade da vida que move as pessoas e os movimentos a protestar, a resistir e a mobilizar-se para mudar a história. Os profetas antigos e modernos nos mostram a coexistência destas duas atitudes presentes no cuidado político: a dureza na denúncia dos opressores e o enternecimento no consolo das vítimas.

Não tem cuidado com os empobrecidos e excluídos quem não os ama concretamente e não se arrisa por sua causa. A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos. Se seus problemas não forem equacionados, permanecem ainda na pré-história. Poderemos ter inaugurado o novo milênio, mas não a nova civilização e a era de paz eterna com todos os humanos. Os seres da criação e o nosso esplêndido planeta.

Cuidado com nosso corpo na saúde e na doença

Quando falamos em corpo não devemos pensar no sentido usual da palavra, que contrapõe corpo a alma, matéria a espírito. Corpo seria uma parte do ser humano e não sua totalidade. Nas ciências contemporâneas prefere-se falar de corporeidade para expressar o ser humano como um todo vivo e orgânico. Fala-se de homem.corpo, homem-alma para designar dimensões totais do humano.

Essa compreensão deixa para atrás o dualismo corpo-alma e inaugura uma visão mais globalizante. Entre matéria e espírito está a vida que é a interação da matéria que se complexifica, se interioriza e se auto-organiza. Corpo é sempre animado. "Cuidar do corpo de alguém", dizia um mestre do espírito, "é prestar atenção ao sopro que o anima".

Resumindo, podemos dizer que o corpo é aquela porção do universo que nós animamos, informamos, conscientizamos e personalizamos. É formado pelo pó cósmico, circulando no espaço interestelar há bilhões de anos, antes da formação das galáxias, das estrelas e dos planetas, pó esse provavelmente mais velho que o sistema solar e a própria Terra. O ferro que ocorre pelas veias do corpo, o fósforo e o cálcio que fortalecem os ossos e os nervos, os 18% de carbono e os 65% de oxigênio mostram que somos verdadeiramente cósmicos.

Corpo é um ecossistema vivo que se articula com outros sistemas mais abrangentes. Pertencemos à espécie homo, que pertence ao sistema Terra, que pertence ao sistema galáctico e ao sistema cósmico. Nele funciona um sistema interno de regulação de frio e de calor, de sono e de vigília, dos fenômenos da digestão, da respiração, das batidas cardíacas, entre outros.

Mais ainda. O corpo vivo é subjetividade. Já se disse que "o corpo é nossa memória mais arcaica", pois em seu todo e em cada uma de suas partes guarda informações do longo processo evolutivo. Junto com a vida do corpo se realizam os vários níveis da consciência (a originária, a oral, a anal, a social, a autonôma e a transcendental), onde estas memórias se expressam e se enriquecem interagindo com o meio.

Através do corpo se mostra a fragilidade humana. A vida corporal é mortal. Ela vai perdendo seu capital energético, seus equilíbrios, adoece e finalmente morre. A morte não vem no fim da vida. Ela começa já no seu primeiro momento. Vamos morrendo, lentamente, até acabar de morrer. A aceitação da mortalidade da vida nos faz entender de forma diferente a saúde e a doença.

Quem é são pode ficar doente. A doença significa um dano à totalidade da existência. Não é o joelho que dói. Sou eu, em minha totalidade existencial, que sofro. Portanto, não é uma parte que está doente, mas é a vida que adoece em suas várias dimensões: em relação a si mesmo (experimenta os limites da vida mortal), em relação com a sociedade (se isola, deixa de trabalhar e tem que se tratar num centro de saúde), em relação com o sentido global da vida (crise na confiança fundamental da vida que se pergunta por que exatamente eu fiquei doente?).

A doença remete à saúde. Toda cura deve reintegrar as dimensões da vida sã, no nível pessoal, social e no fundamental que diz respeito ao sentido supremo da existência e do universo. Por isso o primeiro passo consiste em reforçar a dimensão-saúde para que ela cure a dimensão-doença.

Para reforçar a dimensão-saúde devemos enriquecer nossa compreensão de saúde. Não podemos entendê-la como a ideologia dominante com suas técnicas sofisticadas e seus inúmeros coquetéis de vitaminas. A saúde é concebida como "saúde total", como se fosse um fim em si mesma, sem responder à questão básica; que faço na vida com minha saúde? Distanciamos-nos da conhecida definição de saúde da Organização Mundial da Saúde da ONU que reza. "Saúde é um estado de bem-estar total, corporal, espiritual e social e não apenas inexistência de doença e fraqueza".

Essa compreensão não é realista, pois parte de uma suposição falsa, de que é possível uma existência sem dor e sem morte. É também inumana porque não recolhe a concretude da vida que é moral. Não descobre dentro de si a morte e seus acompanhantes, os achaques, as fraquezas, as enfermidades, a agonia e a despedida final. Acresce ainda que a saúde não é um estado, mas um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana. Todos esses fatores estão a serviço da pessoa para que tenha força de ser pessoa, autônoma, livre, aberta e criativa face às várias injunções que vier a enfrentar.

A força de ser pessoa significa a capacidade de acolher a vida assim como ela é, em suas virtualidades e em seu entusiasmo intrínseco, mas também em sua finitude e em sua mortalidade. A força de ser pessoa traduz a capacidade de conviver, de crescer e de humanizar-se com estas dimensões de vida, de doença e de morte.

Saúde e cura designam o processo de adaptação e de integração das mais diversas situações, nas quais se dá a saúde, a doença, o sofrimento, a recuperação, o envelhecimento e o caminhar tranquilo para a grande passagem da morte. Saúde, portanto, não é um estado nem um ato existencial, mas uma atitude face às várias situações que podem ser doentias ou sãs. Ser pessoa não é simplesmente ter saúde, mas é saber enfrentar saudavelmente a doença e a saúde. Ser saudável significa realizar um sentido de vida que englobe a saúde, a doença e a morte. Alguém pode estar moralmente doente e ser saudável porque com esta situação de morte cresce, se humaniza e sabe dar sentido àquilo que padece.

Como disse um conhecido médico alemão: "Saúde não é a ausência de danos. Saúde é a força de viver com esses danos". Saúde é acolher e amar a vida assim como se apresenta, alegre e trabalhosa, saudável e doentia, limitada e aberta ao limitado que virá além da morte.

Que significa cuidar de nosso corpo, assim entendido? Imensa tarefa. Implica cuidar da vida que o anima, cuidar do conjunto das relações com a realidade circundante, relações essas que passam pela higiene, pela alimentação, pelo ar que respiramos, pela forma como nos vestimos, pela maneira como organizamos nossa casa e nos situamos dentro de um determinado espaço ecológico. Esse cuidado reforça nossa identidade como seres nós-de-relações para todos os lados. Cuidar do corpo significa a busca de assimilação criativa de tudo o que nos possa ocorrer na vida, compromissos e trabalhos, encontros significativos e crises existenciais, sucessos e fracassos, saúde e sofrimento. Somente

assim nos transformamos mais e mais em pessoas amadurecidas, autônomas, sábias e plenamente livres.

Cuidado com a cura integral do ser humano

A cura integral do ser humano é tão importante que demanda um prolongamento de nossa reflexão anterior. Nas grandes tradições terapêuticas da humanidade sempre houve a percepção de que a cura é um processo global, envolvendo a totalidade do ser humano e não apenas a parte enferma. Reportemo-nos à nossa tradição ocidental ligada à figura de Asclépio (dos gregos) ou de Esculápio (dos latinos). Dessa tradição vem o pai da medicina clássica e moderna, Hipócrates (460-377 aC).

Asclépio era, historicamente, um herói curador que possuía seu centro em Epidauro, no coração da Crécia. Por mais de mil anos acorriam ao seu templo os enfermos de todas as partes do mundo antigo. A eficácia de seus métodos era de tal ordem que, após a sua morte, Asclépio acabou sendo divinizado. Simultaneamente como homem e deus sinalizava que a cura seria completa se resultasse de intervenção humana e divina, se fosse corporal e espiritual.

No pórtico de seu templo os enfermos podiam ler o lema básico sua medicina:

"Puro deve ser aquele que entra no templo perfumado. Pureza é ter pensamentos sadios".

Chamava-se a isso de *nooterapia*, terapia da mente (*noos* em grego significa mente) que implicava num processo de redifinição de atitudes e valores. Os cristãos até hoje chamam a isso de conversão (*metanoia*). Os pecados (*harmatiai*), isto é, as atitudes desarmônicas consigo mesmo, com os outros, com o cosmos e com a Fonte originária de tudo, deslancham processos que afetam o equilíbrio físico-químico-espiritual do ser humano. Em outras palavras, produzem doenças.

A cura acontece quando se cria um novo equilíbrio humano. Então o pecado-doença dá lugar à graça-cura. Em Epidauro as curas eram processadas de forma holística, através de métodos diferenciados: pela dança, música, ginástica, poesia, ritos e sono sagrado. Havia a *Abaton*, santuário onde os enfermos dormiam para terem sonhos de comunhão com a divindade que os tocava e curava. Havia o *Odeon*, local onde se podia ouvir música tranquilizadora e eram lidos poemas de enlevo. Havia o *Ginásio*, onde se faziam exercícios físicos integradores da mente/corpo. Havia o *Estádio* para esportes de competição controlada para melhorar o tônus corporal. Havia o *Teatro* para dramatização de situações complexas da vida para desdramatizá-las e facilitar a cura.

Havia a *Biblioteca*, onde se podia consultar livros, admirar obras de arte e participar de discussões sobre os mais diversos assuntos. Tudo isto, já naqueles tempos, era visto como forma de terapia holística. A moderna medicina alternativa não faz outra coisa senão resgatar esta memória terapêutica de nossa própria tradição abafada pelo paradigma cintificista dominante, que tenta a cura entaizando o tratamento das partes doentes pela química dos remédios sem a consideração do todo humano.

Foi neste contexto integrador do cuidado total como o ser humano que o poeta Décio Júnio Juvenal (60-130 dC) escreveu o famoso verso criticando os excessos na culinária do romanos:

"Debe-se buscar uma mente sã num corpo são". "Orandum est ut sit mens sana in corpore sano" (Sátiras X, 356).

Muitas academias de ginásticas actuais incorporam esse lema *-mens sana in corpore sano-* quase sempre esquecendo a dimensão espiritual da mente (*mens sana*) e enfatizando apenas a exuberância muscular do corpo (*corpore sano*). A arte terapêutica é mais que médica; é integral, portanto profundamente espiritual.

Concluindo, cuidar de nossa saúde significa manter nossa visão integral, buscando um equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e convocar o médico (corpo), o terapeuta (mente) e o sacerdote (o espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser humano.

Cuidado com a nossa alma, os anjos e os demônios interiores

A alma, à semelhança do corpo, representa a totalidade do ser humano na medida em que ele é um ser vivo com interioridade e subjetividade (*anima* em latim significa ser vivo, donde deriva animal). Desde o primeiro momento após o *big-bang* quando se formaram os primeiros campos energéticos e se forjaram as primeiras unidades relacionais, a alma começou a surgir e a complexificar-se, até que, no nível humano, após o surgimento do cérebro e da base neurônica, se tornou relfexa e autoconsciente. Possivelmente tal emergência ocorreu a partir do *homo Ardipetecus Ramindos*, há 4,5 milhões de anos, passando pelo *homo habilis*, há de 2 milhões de anos, pelo *homo erectus*, há 1,6 milhões de anos, pelo *homo sapiens arcaicus* há 250 mil anos até culminar no *homo sapiens sapiens* há 150 mil anos. Deste último, com consciência plenamente reflexa, somos descendentes diretos.

Conhecemos hoje os níveis desse tipo de consciência e sua capacidade de guardar informações do processo evolutivo. Isso significa que a consciência humana guarda

marcas da grande explosão primordial, do fragor das explosões das grandes estrelas vermelhas que jogaram seus materiais pesados por todo o universo; conserva a memória das circunvoluções de nosso sistema galaláctico, solar e planetário, das dores de parto na formação de nossa casa comum, a Terra, conserva o estremecer da primeira célula viva há 3,8 bilhões de anos; guarda em si os sinais da violência devastadora dos dinossauros, da capacidade unificadora do primeiro cérebro nos répteis, da ternura dos primeiros mamíferos, das alegrias da sociabilidade dos nossos ancestrais antropóides; lembra da luz do primeiro ato de inteligência, da criatividade da fala ordenadora do mundo, enfim dos grandes sonhos ridentes de simpatia e conviviabilidade, bem como dos medos face às ameaças do meio e face à luta pela sobrevivência. As experiências boas e traumatizantes na relação com os pais, com o homem e a mulher, com o nascimento, a dor e a morte, com o Sol, a Lua e as estrelas, com a grandeza do céu estrelado deixaram matrizes na alma humana cuja força de atuação se faz presente até os dias de hoje. É a nossa memória ancestral e atual.

De certo modo, tudo, tudo está guardado dentro da consciência humana sob a forma da memória (subatômica, atômica, mineral, vegetal, animal, humana), nos arquétipos, sonhos, visões, símbolos, paixões e emoções que habitam nossa interioridade. Somos portadores de anjos e de demônios, de forças sim-bólicas que nos animam para a unidade e para a cooperação, e de forças dia-bólicas que desagregam e destroem nossa centralidade.

Mas o ser humano é portador de liberdade e de responsabilidade. A liberdade lhe é dada como capacidade de modelar essa matéria ancestral e o mundo ao seu redor. A liberdade lhe é dada como possibilidade para decidir se cultiva os anjos bons ou os demônios e colocando-a a serviço de um projeto que se afina com a sinergia e a cooperação do universo. É sua chance de felicidade ou de tragédia.

Eis um desafio ingente: o de cuidar de nossa alma inteira. Cuidar dos sentimentos, dos sonhos, dos desejos, das paixões contraditórias, do imaginário, das visões e utopias que guardamos escondidas dentro do coração. Como domesticar tais forças para que sejam construídas e não destrutivas? Em que sentido de vida ordenamos todas estas dimensões? O cuidado é o caminho e oferece uma direção certa.

Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus

O ser humano-corpo-alma tem uma singularidade: pode sentir-se parte do universo e com ele conectado; pode entender-se como filho e filha da terra, um ser de interrogações

derradeiras, de responsabilidade por seus atos e pelo futuro comum com a Terra. Ele não pode furtar-se a perguntas que lhe surgem ineludivelmente: Quem sou eu? Qual é meu lugar dentro desta miríade de seres?. O que significa ser jogado nesse minúsculo planeta Terra? Onde provém o inteiro universo? Quem se esconde atrás do curso das estrelas? O que podemos esperar além da vida e da morte? Por que choramos a morte dos nossos parentes e amigos e a sentimos como um drama sem retorno?

Ora, levantar semelhantes interrogações é próprio de um ser portador de espírito. Espírito é aquele momento do ser humano corpo-alma em que ele escuta estas interrogações e procura dar-lhes uma resposta. Não importa qual seja; se através de estórias mitológicas, de desenhos nas paredes de cavernas como em Cromagnon na França e nas grutas de S. Raimundo Nonato no Piauí, Brasil, ou se através de sofisticadas filosofias, ritos religiosos e conhecimentos das ciências empíricas. O ser humano como um ser falante e interrogante é um ser espiritual.

Outro dado suscita a dimensão de espírito: a capacidade do ser humano de continuamente criar sentidos e inventar símbolos. Não se contenta com fatos. Neles discerne valores e significações. Escuta as coisas que são sempre mais que coisas porque se transformam em indicações de mensagens a serem decodificadas. Daremos alguns exemplos.

Diante do rio Amazonas ficamos totalmente fascinados, fazemos a experiências da majestade. Ao penetra a floresta, contemplamos sua inigualável biodiversidade e ficamos aterrados diante da imensidão de árvores, de águas, de animais e de vozes de todos os timbres, fazemos a experiência da grandeza. Diante dessa grandeza sentimos um bicho frágil e insignificante irrompendo em nós o temor e o respeito silencioso, fazemos a experiência da limitação e da ameaça.

Quando vivenciamos o fascínio do amor, fazemos a experiência de um absoluto valor, capaz de tudo transfigurar, fazemos da pessoa amada uma divindade, transformando p brilho do Sol num ouro em cascata e transformamos a dureza do trabalho numa prazerosa ocupação.

Ao ver a mão suplicante da criança faminta, somos tomados de compaixão e mostramos generosidade. Todas essas experiências são expressões do espírito que somos nós.

Mas há uma experiência testemunhada desde os primórdios da hominização, a do Numinoso e do Divino no universo, na vida e na interioridade humana. Como não reconhecer por atrás das leis da natureza um supremo Legislador? Como não admitir na

harmonia dos céus a ação inteligente de uma infinita Sabedoria, e na existência do universo a exigência de um Criador.

O ser humano chama essa suprema Realidade com mil nomes ou simplesmente dá-lhe o nome de Deus. Sente que Ele arde em seu interior na forma de uma presença que o acompanha e o ajuda a discernir o bem e o mal. O elã vital o leva a crescer, a trabalhar, a enfrentar obstáculos, a alcançar seus propósitos e a viver com esperança. Esse elã está no ser humano, mas é maior que ele. Não está em seu poder manipulá-lo, criá-lo ou destruí-lo. Encontra-se à mercê dele. Não é isso um indício da presença de Deus em seu interior?